THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

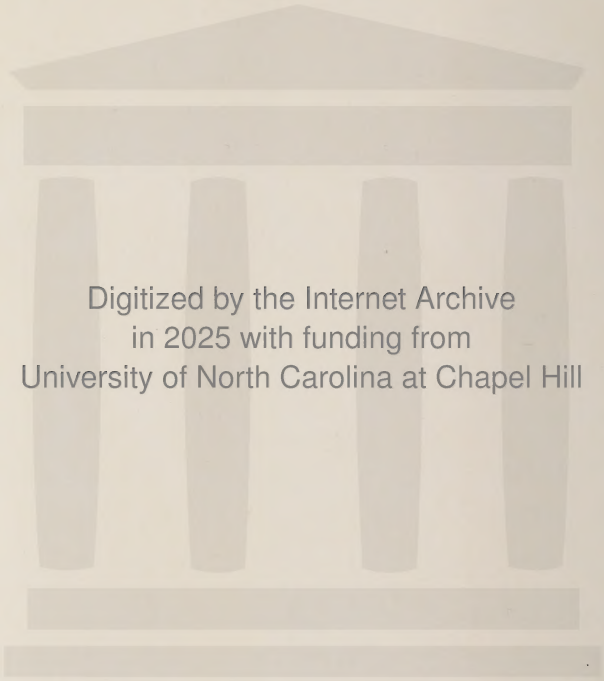
PQ9697
.B37
G9
1929

a 00000 02109 6

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513


Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/guerradorosascon00unse

Gustavo Barroso

A Guerra do Rosas

Getulio M. Costa

A GUERRA DO ROSAS

C
gec

GUSTAVO BARROSO
(Da Academia Brasileira de Letras)

Gustavo Barroso
Acad
1929

A GUERRA DO ROSAS

PQ9697
.B37
G9
1929

[Contos e episodios relativos á campanha do Uruguai e da Argentina - 1851-1852]

EDIT. GETULIO M. COSTA
Caixa Postal, 1.829 — RIO DE JANEIRO

"Rozas pensaba en ir á pasear en triunfo las banderas argentinas en las calles de Rio de Janeiro, porque se le antojaba una locura el que el Imperio pasearia las suyas en Buenos Aires después de Caseros; como Napoléon pensó pasear sus aguilas en Berlim, más ó menos cuando Guillermo de Prusia fué saludado emperador de Alemania bajo el arco de la Estrella."

(Adolfo Saldias — *"Historia de la Confederación Argentina"*).

O MÊDO DE D. JUAN MANUEL

"Sucedió una noche que este trabajo se hacia en pieza iluminada por una vela de sebo, porque no sé que accidente, se apagó estando alli Rosas, quien dió el más horrible grito de terror..."

(SARMIENTO — *"El Censor"*).

Manhã. Muita claridade na grande sala da casa de Palermo que servia de gabinete de trabalho a D. Juan Manuel de Rosas. Ele estava sentado, escrevendo, diante duma vasta mesa, sobre a qual havia tulhas de papeis, livros, borradores, coleções de jornais, cadernos de notas, listas, documentos, processos e objetos de toda a especie. Em volta, em mesas menores, porém não menos atulhadas, uma legião de secretarios. Ninguem trocava uma palavra. Ninguem fumava. Pareciam automatos. Os movimentos eram rapidos, sêcos, maquinais. E todos tinham bigodes negros.

O bigode era um simbolo federal na Argentina de Rosas. Quem o não tinha usava-o postiço ou pintado (1). Os de muitos daqueles secretarios pertenciam a esta especie.

O trabalho naquela grande sala durava noite e dia. Cada doze horas se revezavam os secretarios. Alguns, os de maior confiança, comiam e dormiam ali mesmo. Nos domingos, era a mesma coisa. E, quando havia bailes em Palermo, a parte do edi-

---

(1) "...llevaban algunos bigotes naturales y otros los lucían postizos, obedeciendo á las indicaciones oficiales". Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. II, pag. 95. *Gaceta Mercantil*, 18 de julho de 1835.

ficio destinada à morada do despota quedava às escuras, menos uma janela, que sempre estava iluminada: a do gabinete de trabalho (2).

Rosas sabia de tudo, intervinha em tudo, de tudo estava tão informado em materia de politica e administração que o seu chefe de policia achava inutil comunicar-lhe alguma coisa (3).

Seus auxiliares — diz Ramos Mejia — estavam tão indentificados com ele que adivinhavam o de que precisava, bastando-lhe olhar em certa direção e estender o braço. Antonio Reyes, Regalo Rodriguez ou qualquer outro escrevente passava-lhe logo o número da *Gaceta Mercantil*, o memorandum ou a epistola que ele desejava, como si completassem o seu pensamento. E jamais erravam.

Naquela manhã a voz sonora de Rosas rompeu subitamente o silencio:

— Chegou o papel florete ultimamente encomendado?

Antonio Reyes respondeu:

— Sim, senhor governador. As caixas foram entregues esta manhã. De acôrdo com as ordens de sempre de V. Ex., mandei dois escriturarios conferi-las, contar as rêsmas, pesa-las, correr fôlha a fôlha para devolver as com defeitos.

---

(2) "Cuando el bullicio de la musica y del baile atraia toda la animación de los salones de aquella casa, la incierta claridad que salia de las ventanas del lado opuesto de Palermo indicaba que Rozas trabajaba". Saldias — *Historia de la Confederacion Argentina*, edição La Facultad, 1911, vol. V, pag. 73. Todos os pormenores sobre o trabalho de Rosas, seus auxiliares, etc. foram fielmente tirados da mesmo obra — vol. II, pag. 122 — vol. IV pags. 103 e 104 — vol. V, pags. 72, 83, 74 e 77 e da de Mejia, vol. 22, pags. 91 a 95.

(3) Depoimento de Victorica, chefe de policia de Rosas.

— Quando terminarmos o trabalho, irei verificar essa conferencia.

— Ela deve durar até a noite, continuou o secretario. São quinhentas rêsmas.

Rosas baixou a cabeça e continuou a examinar documentos. De subito:

— Quantos, senhor? e fitou os olhos azúis em Rodriguez, que, completando por intuição seu pensamento, lhe apresentou uma fôlha de papel e replicou:

— São duzentos e trinta e nove patacões e seiscentos e dez pesos (4).

Prosseguiu o trabalho silencioso. Somente as pênas de ganso rangiam sobre o grosso papel oficial. Rosas ergueu outra vez a cabeça e falou:

— Senhor Reyes, é favor dizer ao fornecedor de pão que separe a minha conta particular da do exercito (5).

E entregou-lhe um papel, acrescentando:

— Que seja a ultima vez que ele faça isto!

O general D. Manuel Corvalán, ajudante de ordens do governador, que passava o tempo na ante-sala estendido num sofá de caóba, apresenta-se à porta e pede licença. Rosas tira os oculos, limpa-os lentamente com e lenço e indaga:

— Que é?

---

(4) "*Cuantos, senor?* y el oficial aludido, como movido por un resorte, se levantaba de su asiento, tomaba de entre los ordenados legajos el documento buscado y respondia rapidamente: *Tantos o cuantos, exmo. Señor*". Depoimento do sr. Antonio Reyes citado em Ramos Mejia, op. cit. vol. II, pag. 92.

(5) Saldias — op. cit. vol. V, pag. 72, em nota.

— Está aí um enviado de D. Martiniano Rodriguez, que trás uma encomenda do mesmo para V. Ex.

— Mande entrar.

Entrou um gaúcho alto, de bigodes torcidos, de xiripá vermelho, com uma caixa de madeira na mão. Desbarretou-se e disse:

— Senhor governador, D. Martiniano ordenou-me que vos entregasse isto, que V. Ex. já sabe o que é...

— Póde deixar e retirar-se. O general lhe dará dez pesos para a volta.

E, quando o gaúcho saiu:

— Senhor Reyes, aqui dentro estão as cabeças dos selvagens unitarios D. Manuel Martinez e D. Pedro González. Mande expô-las, para escarmento dos loucos e traidores, nos ganchos de ferro da Pirâmide! (6).

---

(6) Las cabezas asi desprendidas del cuerpo y conservando aún sus crispaciones, no causaban horror a los ejecutantes. Habiase establecido una especie de tolerancia sensitiva que les permitia manajarlas como qualquer objeto de uso comun. Se jugaba con ellas *a las bochas*. Esto es notorio. Y de largas distancias enviaban las de los *salvajes unitarios*, como estimables regalos para el gusto del Restaurador. Por este procedimiento le fué remetida por el comandante accidental del lejano Fuerto Argentino la *del salvaje unitario Domingo Rodriguez*, bien acondicionada *en vinagre y asserrin* para que los ultimos estertores de la muerte llegaran hasta él tan frescos como fuere posible. Dentro de un pequeño cajón, segun reza la nota del coronel y comandante en jefe de la División del Azul don Juan Aguilera vino a sus manos...''. "La del coronel don Pedro Castelli es de igual modo remetida por don Prudencio Rosas al señor juez de paz y comandante militar de Dolores don Mariano Ramirez acompañada de una nota historica en la cual: "con la mas grata satisfación'' envia el famoso regalo afin de ser colocada en medio de la pla-

Remexeu alguns papeis, tomou um e tornou:

— Senhor Reyes, antes de ir dar cumprimento a esta ordem, copie o que lhe vou ditar. E, de acôrdo com a nota que tinha em mão, ditou o seguinte:

"Por ter o miliciano Juan Ramos tido a sorte de apanhar e decapitar tres loucos selvagens unitarios, se lhe concede a honra de usar a barba e o bigode dos federais, testeira e colar vermelho no seu cavalo, dando-se, ao mesmo tempo, o soldo de sargento para toda a vida" (7).

Assinou com um rapido traço de pêna.

Entardeceu. Rosas retirou-se para jantar. A turma de escreventes foi substituida por outro. Reyes e Rodriguez jantaram com o amo e sua filha Manuelita. Após a refeição, o governador, seguido por Antonino Reyes e Corvalán, dirigiu-se ao aposento onde os seus escriturarios desde a manhã contavam fôlha a fôlha quinhentas rêsmas de papel florete. Fazia calor. À luz duma vela de sebo, fraca e tremelicante, cinco rapazes pobremente vestidos, muito moços, porém com bigodes e barbas pintados ou postiços, trabalhavam. O tirano examinou as tulhas de papel, as fôlhas defeituosas. De repente, disse a Corvalán:

— Abra uma dessas janelas. Está muito quente.

---

za...''. Para maiores minucias sobre o assunto, lêr Ramos Mejia op. cit. vol. II, pags. 99 a 117. Lêr e pasmar.

(7) No mesmo volume, pag. 99 se acha um decreto semelhante passado em favor do degolador Juan Durán. Não inventamos. Plagiamo-lo neste episodio.

O general escancarou as venezianas. Entrou no patio uma lufada de ar fresco que apagou a vela incontinenti. Ficou tudo mergulhado na mais profunda escuridão. E o grito de pavor de Rosas varou as trévas:

— Ninguem se mexa! Ninguem se mexa! General, traga luz!

Momentos mais e o general trazia um candieiro, que iluminou a sala. Todos os funcionarios estavam imoveis, hirtos na posição que a obscuridade os havia colhido. E D. Juan Manuel de Rosas, encolhido a um canto, tremia de mêdo... (8).

(8) Sarmiento conta esse pavor de Rosas, ao subito apagar da vela, com todas a letras em *El Censor*, tomo I, n. 44. Ramos Mejia cita-o.

O BISPO DAS VACAS

"... uno de los edecanes de Rosas gravemente anuncia la presencia del *Ilustrisimo y Reverendisimo Obispo de las Vachitas*... Expectativa general: don Estanisláo y sus acompañantes no atinam quien pueda ser aquel extraño personaje, Rosas, imperturbable como siempre, grave, teatral, eximio en la tranquila simulación de su sorpresa, se levanta solemnemente y dice sin titubear, *que entre su Ilustrisima...*"

(RAMOS MEJIA — *"Rosas y su tiempo"*).

Buenos Aires acachapava-se sob a mão de ferro de Rosas. Tudo o que lhe era contrario desaparecêra pela morte ou pela fuga. Santiago, Montevidéo, Rio de Janeiro estavam cheias de exilados. E a tirania alastrava-se, asfixiante.

A degola e o fusilamento não lhe eram bastantes para acabar de reduzir aquela sociedade à expressão mais simples. Lançou mão de outros meios, dos peores. Fôram-se-lhe todos os escrupulos. E praticou atos inominaveis.

Pôs tudo raso. Somente de pé ficaram a alfandega, que era a mina de ouro, e a tropa, que era a força. Fecha a Casa dos Exposto e reparte as infelizes crianças entre as pessoas caridosas que as queiram receber. Suprime por decreto a vacina e risca do orçamento a verba que a custeava. Tira os ordenados dos mestres-escolas, abandonando-os "à caridade dos pais de familia". Cerra as portas do Colegio de Orfans, dos asilos e de todos os hospitais, cujos habitantes e enfermos são postos na rua para que a piedade pública os proteja. E clausura-se a Universidade — reunião, diz a palavra oficial de *mocitos haraganes y logistas.* (1)

---

(1) Todos esses decretos constam do *Registro Oficial* argentino. V. Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo,* edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. II, pags. 65 a 69.

Um decreto impôs a toda a gente o juramento de adesão a Rosas, Ilustre Restaurador das Leis. Outro, o uso do uniforme federal — vermelho, até para os eclesiasticos. Proibira-se sob pena de morte vestir camisas e jalécos, levar gravatas ou lenços azúis, ou verdes. Tudo era fiscalizado pela policia e até os colegios e escolas particulares dependiam dela, que exercia severa vigilancia sobre a côr politica e a qualidade de quantos exerciam o magisterio (2).

No meio de tal chatice, um unico vulto se perfilava — o despota, sultão e califa ao mesmo tempo. Carrasco e histrião, porque, quando não matava suas vitimas, divertia-se em chacotea-las e humilha-las.

Rosas destetava intimamente D. Estanisláo López, governador de Santa Fé, apesar das provas de fidelidade que este pocurava dar-lhe. Escreve a proposito um grande historiador argentino: "A Quiroga seguiu-se D. Estanisláo López, já enfermo, porém demasiado próximo para ser-lhe agradavel. Sentiu-o um pouco deprimido por sua grave doença e tentou mata-lo, não a punhal como o primeiro, mas à custa de desgosto e humilhações. Além disso, era preciso tentear a resistencia moral do pobre diabo, a reserva de orgulho e de possiveis reações que ainda guardasse no fundo da alma o altivo conquistador de antanho. Para isso, imaginou uma tragi-comedia completa, na qual o espirito de Culebras e Calandraca, seus dois histriões favoritos do teatro

(2) Todos esses decretos constam do *Registro Oficial* argentino. V. Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. II, pag. 69

de 1820, tomava com sua remota influencia ativa participação" (3).

D. Estanisláo López deixa o seu feudo santafecino e vem a Buenos Aires visitar Rosas, fazer o seu ato de subordinação voluntaria, pedir-lhe o perdão dos varões da familia Reynafé condenados à morte e a creação dum bispado para a sua provincia. Essa era a coisa de que fazia maior questão. Tinha vivo empenho em que o governo obtivesse da Santa Sé essa mitra, que destinava à cabeça do veneravel clerigo Amenábar, seu amigo do peito e que o acompanhava sempre. Entretanto, Rosas detestava esse sacerdote pelo seu saber e carater inteiriço.

O governador de Santa Fé, sua esposa, o referido padre e demais pessoas da comitiva foram recebidos a certa distancia da cidade pelo capitão do porto da capital, Francisco Crespo, em nome de D. Juan Manuel. Luzida escolta de agaloados hussardos cercou-lhes o côche de viagens, e entraram em Buenos Aires entre fileiras de soldados rubros, que, em guarda de honra, lhes apresentavam armas, e ao som das bandas militares. Na casa destinada à sua hospedagem, esperava-os lauto banquete. Mas o Restaurador não lhes apareceu.

D. Estanisláo esteve cerca de uma quinzena na cidade e não conseguiu avistar-se com Rosas. Mesa muito bem servida, homenagens a todas as horas, ordenanças e retretas, tudo isso ele teve, porém nada de vêr o tirano e de debater com ele os graves

---

(3) Todos esses decretos constam do *Registro Oficial* argentino. V. Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. II, pag. 49

assuntos que ali o traziam. Impacientou-se. Mandou meter os cavalos à ségе e partiu para sua terra sem se despedir de ninguem.

Sol alto, na Ponte de Márquez, adiante da quinta de Caseros, destinada a marcar a quéda fragorosa do ditador, avista três carruagens que o seguem a todo galope, levantando nuvens de poeira. Para tristemente, à espera talvez de um máu desfecho.

Os carros detêm-se junto ao seu. Estão cheios de moças e de oficiais falantes e alegres. De um deles apeia-se Rosas, todo risonho, e dirige-se a D. Estanisláo que não cabia em si de espanto:

— Meu grande amigo!

Colhe o velho nos braços e continúa:

— Então, queria ir embora sem vêr-me? Não compreendeu que desejava ter mais tempo para conversarmos e por isso adiei nossa entrevista à espera de uma folga maior dos meus trabalhos. Logo que soube de sua partida, não me contive, vim busca-lo. Voltemos todos para Buenos Aires.

E o séquito de López, misturado à comitiva de Rosas, regressa alegremente.

Em Palermo, o zêlo de Manuelita preparára uma mesa suntuosa. Todos tomaram lugar nela. Rosas sentou-se à cabeceira, deu a direita à senhora López e a esquerda a este. Serviram-se as viandas. Espoucou o champanha. Cordialidade. Risos. D. Juan Manuel dá todas as desculpas e explicações possiveis ao velho caudilho, que esquece seus dissabôres e sua propria enfermidade.

D. Estanisláo López aproveita a feliz oportunidade para falar ao tirano sobre a creação do bispado de Santa Fé. Rosas, que de todos os propositos do outro estava minuciosamente informado pela sua formidavel espionagem, replica-lhe que es-

tá de pleno acôrdo e acrescenta em voz baixa, piscando um olho:

— O padre Amenábar dava um bom bispo, não é verdade?

López concorda, gostosamente.

Nisto, surge à porta do salão, levantando o reposteiro, a figura imponente e bigoduda do general Corvalán, que anuncia em voz estentórea:

— O Ilustrissimo e Reverendissimo Bispo das Vacas!

Toda a gente se entreolha, sorpresa. D. Estanisláo cruza um olhar com o clerigo Amenábar, em que diz do seu estarrecimento. Tranquilamente, Rosas fala:

— Faça entrar Sua Eminencia!

Caminha para a mesa o bufão oficial de Rosas, o tôrpe mulato D. Eusebio da Santa Federação, de sotaina rubra, uma vassoura como báculo e, enterrada até as orelhas, uma mitra de papelão com dois cornos de vaca cruzados, pintados de preto em fundo amarelo. Revirava beatamente os olhos injetados de sangue pelo alcool. A sua cara alvar sorria. Estendeu a mão escura e papuda para D. Juan Manuel, que se curvou e beijou-lhe o enorme anel de lata com um vidro encastoado.

Depois, o despota retomou a sua posição comum, sereno, imperturbavel e teatral. O Bispo das Vacas apanhou na mesa uma taça de champanha, ergueu-a bem alto e, fitando o padre Amenábar, disse:

— À sua saúde! meu caro colega! (4)

---

(4) Todo esse episodio é tirado do *Registro Official* argentino. V. Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. II, pags. 49 a 52.

VIOLINO E VIOLÃO

"La Resbalosa es la sonata del degüello. Ella imita el movimiento del cuchillo sobre la garganta de la victima, y se canta y se baila a un tiempo."

(ESTÉBAN ECHEVERRIA — *"Avellaneda"* — in nota).

Toda a gente corria para as vizinhanças da piramide de Mayo, na qual se costumava pendurar as cabeças dos selvagens unitarios degolados nas provincias e remetidas aos juizes de paz pelos executantes. Aqueles logo as mandavam a Rosas de presente. E eram mimos muito apreciados pelo ditador.

Já a praça estava cheia e de toda a parte ainda acorriam, sôfregos, homens e mulheres. Todos tinham qualquer coisa de vermelho na vestimenta. Os primeiros, o lenço, a cinta, a fita do chapéu, a gravata. As outras, a saia, o corpete, o laço dos cabelos. E em côro cantavam o famoso hino dos Restauradores:

"Ese bando traidor, parricida,
que en diciembre mostró su furor,
sobre ruinas y sangre de hermanos
tremoló su rebelde pendón.

El dispuso en sus bárbaras orgias
cien perennes cadalsos alzar,
el mandó a sus inícuos soldados
a Dorrego y a Maza matar.

Vuelve, pués, adalid valeroso
a regir a este pueblo fiel.
y si acaso la artera calumnia

tus virtudes quisiera empañar,
tus leales en sangre de inicuos
tal agravío sabrán castigar".

Alguns agentes de policia espalhados no seio da multidão repetiram em tom esganiçado:

"Vuelve, pués, adalid valeroso
a regir a este pueblo fiel..."

Os vivorios ao Ilustre Restaurador das Leis cobriram-lhes a voz aduladora. Depois, outros gritos terriveis vararam o espaço:

— Morram os loucos, asquerosos, selvagens unitarios!

— Morram!

— Morram!

Ao pé da piramide de Mayo, contida pelos mashorqueiros de camiseta vermelha e armados até os dentes, a arraia miúda formava largo semi-circulo, no meio do qual se via um grupo de homens. Todos vestiam de rubro e brandiam armas, menos um. Este tinha a barba crescida e grandes olheiras muito rôxas. A camisa rasgada deixava-lhe o peito a descoberto. Seu olhar doloroso, mas impávido, fitava a multidão movediça e ululante. Era D. Manuel Yanel que ia ser executado pela Mashorca rosista por se manifestar contra o tirano.

Ciríaco Cuitiño, o mais terrivel assécla de Rosas, chefiava o grupo de matadores. Perguntou a um deles que afiava o serrucho nas pedras do passeio que contornava o monumento:

— A musica já veio?

— Já.

— Então, póde cortar-lhe a cabeça.

O carrasco dirigiu-se à vitima, segurou-lhe os cabelos, puxou-lhe a cabeça bem para trás e começou a secionar-lhe a carotida, devagarinho...

Enquanto o corpo, amarrado a um poste de madeira, contorcia-se horrivelmente, a musica tocava a Resbalosa e o poviléo cantava a canção fatidica dos degoladores rosistas:

"El que son salvajes
tenga relación,
la verga y degüello
por esta traición!

Que el santo sistema
de la Federación
se dá a los salvajes
violin y violón!"

O sangue enrubecia o sólo. Os algózes riam. A gentalha cantarolava. Depois, Cuitiño tomou a cabeça livida de D. Manuel Yanel, enfiou-a na ponta de uma vara e gritou:

— Vamos apresentá-la ao ilustre magistrado federal Alcaide de Barracas, que condenou o selvagem a uma morte justa!

E caminhou pela praça afóra. A multidão seguiu-o, bailando e cantando atrás daquela insignia de terror que se alevantava, de olhos fechados como para não vêr tanta infamia e covardia, acima de

todas as cabeças vivas, enfeitadas de vermelho. E a cantiguinha sinistra continuava:

"Al que con savajes
tenga relación,
varazo y degüello
por esta traición.

Que el santa sistema
de Federación
les dá a los salvajes
violin y violón!" (1).

(1) Todos os pormenores deste conto, nomes, fatos, personagens e canções são absolutamente historicos. A primeira versão da cantiga está em Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, edição Atanasio Martinez, vol. II, pag. 118, nota. A segunda em Arturo Capdevila — *Las Visperas de Caseros*, edição Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pag. 49. Para se verificar a veracidade de todas as minucias desta pagina — Mejia op. cit. vol. II, pags. 115, 118, 178 e Capdevila, op. cit. pag. 49. *Resbalosa* é o nome da faca com que se praticava a degola. Havia tambem o *serrucho*.

O CANDOMBLÉ DE ROSAS

"En Navidad y Año Nuevo era cuando los negros y Rosas se reverenciaban mutuamente.

.. ..

Se comia, se bebia, se cantaba y se candombeaba."

(VICENTE ROSSI — *"Cosas de Negros"*).

Os negros dominavam completamente a Buenos Aires de Rosas e este animava-os e protegia-os. Havia mais de vinte mil pretos organizados em poderosas sociedades (1). Os nomes dessas associações eram tão bárbaros como os seus associados: Nación Munonque, Nación Banguela, Sociedad Cambunga, Sociedad Conga, Sociedad Alangungan e dezenas de outras semelhantes (2). Elas conservavam os ritos selvagens da Africa, as irarquias da Nigricia, os feitiços, as abusões, os costumes das aringas do outro lado do Atlantico. Rosas e sua filha Manuelita eram presidentes ou reis de todas essas corporações vulgarmente denominadas tambores, as quais saíam pelas ruas nos dias de carnaval, tocando suas musicas primitivas, rufando seus atavaques grosseiros, dansando os seus bailes grotescos e cantando nos ásperos dialetos da Mina e de Loanda seus versos descompassados e tristonhos, estribilhados monotonamente com estrofes guturais.

O *Carnaval de Rosas*, como toda a gente chamava o carnaval em Buenos Aires, era a festa popular negra por excelencia. Todas as estrambotices e todas as selvatiquezas se davam as mãos nesses três

---

(1) Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pag. 262.

(2) J. A. Wilde — *Buenos Aires Setenta Años Atrás.*

dias de loucura africana. E o Ilustre Restaurador das Leis divertia-se a valer (3).

Nas festas de Natal e Ano Bom, tambem dedicadas aos pretos, não se divertia menos. O despota favorecia os antigos escravos e seus descendentes para humilhar a sociedade portenha, que talvez se sentisse revoltada sob a aparencia do seu torpor, efeito do mêdo. Os negros eram os melhores soldados do seu exercito, formavam sua guarda pessoal, mandavam na sua quinta dos Santos Logares, influiam toda a gente com insuportavel orgulho. Quem queria uma boa proteção recorria a uma das velhas e gordas mucamas, todas vestidas vermelho, que frequentavam Palermo. Eram elas que recebiam Sua Excelencia nas festas das suas sociedades e nações "com os gritos inarticulados de seus ritos religiosos, com mesuras e piruetas simiescas, que revelavam desenfreada alegria. Poder-se-ia dizer que aquilo era uma especie de nupcias do amo com a plebe cujas entranhas virgens exalavam cálido odôr de fecundação" (4).

Naquela Buenos Aires rosista, em que tudo era imitação do tirano — desde as roupas vermelhas e os bigodes postiços até as sotéas das casas, que copiavam as de Palermo, e aos umbús, álamos e chorões dos jardins, que se plantavam porque D. Juan Manuel os amava — a influencia do negro, espião do despotismo nas suas profissões domesticas, marcava bem o baixo servilismo a que fôra levada a sociedade argentina (5).

---

(3) Ramos Mejia, idem 263.

(4) Idem, II, 348.

(5) Idem, I, 238.

Nas vesperas de Natal, cada sociedade ou nação de pretos enviava delegações de seus mais conspiscuos membros para levar a Palermo, a Rosas e Manuelita, seus cumprimentos de Bôas Festas. O sr. governador recebia-as uma após outra, durante horas seguidas, na grande sala. Não havia musica nem barulho algum. Era um longo, silencioso beija-mão. De pé no meio do salão, tendo a um lado a filha e ao outro a irmã, casada com o general Mansilla, o ditador mostrava a sua máscula beleza. Os seus ondeados cabelos dum ardente louro veneziano brilhavam à luz que entrava pelas altas janelas escancaradas. Os olhos muito azúis exerciam estranho poder de sedução, ora dôces como um veludo, ora queimantes como um caustico, ora parados e baços como uma agua empantanada e venenosa. Tez alvissima (6).

No dia seguinte, Rosas pagava aquelas visitas uma por uma, religiosamente, e à noite comparecia, com a filha, ao candomblé dos pretos, na sua quinta dos Santos Logares (7).

A grande cerimonia fetiquista realizava-se diante duma imagem de São Benedito posta num nicho, na parede.

---

(6) Idem, I, 40 e II, 257: "Los artistas que en abundantes retratos han magnificado la hermosura de la persona de Rosas, no han cometido delito de adulación. No hay divergencia ninguna entre los contemporáneos acerca de la belleza física. No podia haberla, puesto que era demasiado notoria".

(7) Vicente Rossi — *Cosas de Negros,* Rio de la Plata, 1926, pags. 81, 82.

Muitas moças da alta sociedade acompanhavam Manuelita. Entre elas, Juanita Sosa, Dolores Marcet, Martina Lezica, Aureliana Sacristi. Um rufo de caxambú anunciava a chegada dos ilustres visitantes e a filha do despota iniciava o baile. Logo após, o rei e a rainha dos pretos desciam de seu trono e ali faziam sentar o governador e a filha. Seguiam-se as dansas de negros e negras, findas as quais as moças alegremente se retiravam (8).

Rosas ficava só.

Então, começava o ritual bárbaro da macumba. O rei traçava no chão com a ponta da espada o circulo magico de isolamento, dentro do qual o despota se colocava. Rompia o selvatico batuque dos tambores de madeira e barro. A negraria semi-núa, cantando soturnamente, girava-lhe em torno, invocando Changô. De repente, todos paravam. Rosas havia desaperecido. Mais uns minutos e ele tornava à sala, disfarçado em marujo, em soldado, em gaúcho. Uma grande aclamação saúdava-o. E o bailado tôrpe, desengonçado e sinistro prosseguia (9).

De repente, um silvo do apito do rei. A ronda selvagem detinha o seu espasmodico movimento. O canto soturno e repetido morria nos labios grossos e escuros. Rosas estava de novo no meio do circulo magico. Erguia o braço e, imitado por toda a farandola preta, sudorenta e mal cheirosa, fazia o

(8) Carta de D. Aureliana Sacristi de Cazón, frequentadora dos candomblés de Rosas, a Dolores Lavalle de Lavalle, transcrita por Arturo Capdevila — *Las Visperas de Caseros*, edição Cabaut & Cia. Buenos Aires, pags. 50 e 51.

(9) Vicente Rossi, loc. cit.

sinal da cruz, pronunciando a formula ritual sacrílega tornada obrigatoria pelo seu despotico governo:

— Pelo sinal da Santa Federação! (10).

E o côro:

— Pelo sinal da Santa Federação!

(10) Arturo Capdevila, op. cit. pag. 35.

O PÁU DE SÊBO

"— Vuecencia dispone algunas funciones particulares para las fiestas mayas?

— Póngales los caballitos y la cucaña.

— Nada más?

— No me pregunte tonterias. Usted no sabe que ese 25 de mayo es el dia de los unitarios?"

(Dialogo entre Rosas e seu chefe de policia no drama popular argentino *"Amalia"*).

A Buenos Aires plebeia e negra delirava de amor ao seu querido tirano Rosas. A Buenos Aires culta e elevada já não existia. Fôra exilada do seu lar, ou esmagada pela crueldade e pelo terror.

A côr encarnada, símbolo da superstição federal, dominava por toda a parte. As fachadas das casas eram rubras, as portas, as venezianas, os caixilhos das vidraças côr de fogo. Em todas as sotéas, tremulavam bandeirolas, galhardetes e flamulas vermelhas. Os jornais estavam cheios de anuncios de venda de insignias federais e de fazendas punzó, por todos os cantos. E era uma verdadeira epidemia o uso da efigie de Rosas, Ilustre Restaurador das Leis.

Copiada do quadro de Monvoisin, do retrato de Descalzi, da veronica de Alais ou do peril de Pelligrini, ela aparecia em todos os adornos, em todos os objetos de uso comum, mesmo em alguns mais intimos e menos decentes. Sobre a divisa *Federación ó muerte,* a formosa figura do despota se mostrava nas pontas dos lenços sanguíneos, no canhão ruborizado das luvas, no forro avermelhado dos gorros e sombreiros, nos roseos papeis de carta,

nas tampas dos relogios e das tabaqueiras, nos livros de missas das senhoras e nos escapularios das devotas, e, rodeado de nuvenzinhas e de anjinhos — supremo culto —, no fundo dos bacios... (1).

O exercito era todo côr de sangue. Capdevila escreveu: "Atraía e fascinava a galhardia dos infantes, cujo barrete encarnado completava a nota rubra da camiseta sangrenta e das calças carmezins. Porém os olhares de preferencia se dirigiam para os esquadrões de cavalaria. Ali estavam os valentes soldados das cargas lendarias: amplo e rubro xiripá, escarlate a camisola, esporas nazarenas, lança faúlhante, sabre curvo e, a tiracolo, a clavina curta".

Quem nesse ambiente simbolicamente enrubecido tinha a coragem de se apresentar com qualquer vestimenta cinza ou esverdinhada que lembrasse o azul dos inimigos da tirania federal, era apodado de *burro celeste,* vaiado, maltratado e preso pela policia. Os registros contemporaneos da mesma estão cheios de nomes de desgraçados que, por ignorancia ou teimosia, ousaram saír à rua em tão perigoso traje.

Nos dias de festa nacional, o rigorismo do trajar, das insignias e de todas as manifestações de alegria e gratidão a Rosas subia de ponto. Os mashorqueiros impiedosos velavam pela fiel observan-

---

(1) Todos os pormenores desta narração são absolutamente fidedignos. O leitor poderá verifica-los em Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo,* vol. II, pags. 127, 218 e etc. e em Arturo Capdevila — *Las Visperas de Caseros,* pags. 61 e 97. O primeiro diz à pagina 219 do tomo citado: "...retratos rodeados de nubes con ángeles..." E à pagina 127: "... orinar em bacines con el retrato de Rosas...".

cia dos ritos decretados oficialmente. E a alma popular descêra tanto, tanto se degradára sob o guante da tirania, que se sujeitava às mais torpes imposições e, cheia de boçalissimo prazer, guaiava pelas vias públicas e praças as maldições sacramentais:

— "Mueran los desertores de la sagrada causa americana!"

— "Mueran los salvajes, asquerosos, immundos unitarios!"

As festas nacionais eram celebradas nos dias 25 de maio e 9 de julho. Rosas amava esta ultima data e detestava a primeira. Somente a comemorava para não romper de todo com a tradição. Tudo se resumia a uma formatura das tropas vermelhas, à gentalha cantarolando quadras patrioticas ou aduladoras pelas ruas e a um passeio de Rosas, a pé, pelas proximidades do quartel do Retiro. Alguns populares estendiam-lhe a mão. Outros abraçavam-no. Todos vivavam-no. E ele sorria ligeiramente.

Havia brigas de galos, com apostas. Certas vezes, corridas de argolinhas. Quasi sempre, muita musica, cavalinhos, páu de sêbo e balões de papel, tal qual nas noites de S. João. Tudo era infantil como si fôsse necessario continuamente considerar o povo como uma criança, ou imbeciliza-lo devagarinho...

E Rosas, nem mesmo assim, perdia a menor oportunidade de ferir o mais fundamente que podia os habitos tradicionais e a propria historia argentina de maneira a fazer lentamente se identificar a vida nacional com ele em pessôa.

Numa das vesperas de 25 de maio, que mandava celebrar todas as vezes de má vontade, o sr. Juan Moreno, substituto na chefia de policia, en-

trou no gabinete de trabalho do caudilho. Rosas levantou os olhos dos papeis que estudava e cravou-os nele.

— Senhor, disse o chefe de policia, intimidado, venho receber suas ordens para as comemorações patrioticas de amanhã .

— Qual é a data? indagou Rosas, fingindo esquecimento.

— 25 de maio.

Alguns segundos de silencio. O chefe rompe-os:

— V. Ex. quer que se façam as mesmas coisas de sempre? Argolinhas, balões, retretas, parada, cavalinhos e páu de sêbo?

— Mande pôr somente o páu de sêbo.

Como se ouvisse mal, o chefe de policia atreveu-se a obtemperar:

— Somente o páu de sêbo?

— Sim, somente! concluiu Rosas, ríspido. Essa data é uma data unitaria. Cumpra as minhas ordens. Ela não merece mais do que um páu de sêbo... (2).

(2) Para se assegurar da verdade de tudo o que aqui se conta, abrir ainda *Las Visperas de Caseros*, pags. 58 a 64. Rosas procedia no caso como um chefe de Estado brasileiro que quisesse amesquinhar o sete de setembro em proveito do quinze de novembro. *Cucaña* é o nosso vulgar *páu de sêbo* em castelhano. Mais proximo do francês — *mât de cocagne*.

O PERIGO DAS MACACHAS

"La *Macacha* fué una mujer superior y celebre en Salta con este diminutivo popular de su nombre. La belleza y los clarísimos talentos con que habia tomado una parte activísima en la politica provincial, la habian constituido en un verdadero personaje. Su hermano, sobre todo, la idolatraba y la tenia por oráculo en todo aquello que le interesaba resolver con madurez y acierto. Y curioso es que la rivalidad permanente con que se hostilizaban, Güemes del lado de los Patricios y Olañetas del lado de los Realistas, coincidia ó habia tenido origen en la rivalidad de la *Mucacha* con la *Pepita Marquiégui*, no menos bella no y menos diestra tambien en el manejo de sus grácias y de su ingenio."

(Vicente Fidel López — *"Historia de la Republica Argentina"*).

A mulher somente existiu para D. Juan Manuel de Rosas como esposa e filha. A primeira, D. Encarnación, a *Heroina,* viveu endeusada e foi enterrada como uma rainha, os diplomatas abrochados de ouro segurando-lhe as alças do esquife. A segunda foi a sua constante, fiel e desvelada companheira da grandeza ao exilio, matando no coração a semente do amor para não ver no mundo senão o pai.

Rosas vivia para si proprio e para o seu despotismo, unica cousa que produziu. Formidavel! O seu melhor historiador diz que o perigo feminino era para ele uma quasi obsessão. Sua poderosa vontade, dominando qualquer vibração sentimental, defendia-o de tentações feminis. "Guardava de cór — acrescentava Ramos Mejia — muitos casos eloquentes e infelizes aventuras que justificavam suas repugnancias". Com efeito, Rosas amando seria Rosas dividindo-se, e ele carecia ser sempre uno para manter o seu regime. Na vida do despota, o amor seria a morte. Como Napoleão, vencia-o retirando, fugindo a tempo.

Entretanto, comprazia-se, conforme diz Mansilla, em obscenidades de palavras, em "beliscar de surpresa a perna de uma dama solene", em fazer enfim qualquer cousa "inesperada e ultrajante" para o sexo, descobrindo os pequenos fingimentos

femininos e castigando cruelmente com palavras torpes ou com gestos desavergonhados os encantadores tartufismos das mulheres, que detestava. Sempre o burlão impiedoso que procura rebaixar os outros pelo ridiculo, quando os não póde abater pela força, afim de na planicie dos esmagados unicamente se erguer o seu vulto (1).

Quando se falava de amor em presença de Rosas, ele sorria finamente e, depois, contava, como uma lição aos homens de sua casta, a historia de Pancho Ramirez e de D. Delfina (2).

Era um formoso e tragico episodio das lutas internas da Argentina de antanho. Eis com o narra Vicente Fídel López (3): "A linda mulher que acompanhava o caudilho, no dia da derrota, corria tambem no meio dos fugitivos em desordem. Mas a pobre rapariga, pouco destra no manejo da cavalgadura, foi ficando atrasada. Numa das grandes voltas do caminho, os perseguidores a alcançaram, sabrearam alguns dos fujões e deram com ela em terra. Vendo que era uma mulher jovem e bonita, começaram a motejar e pilheriar, enquanto que ela bradava por socorro. Agora o feito de galantaria de Ramirez. Quando viu que a *senhora* ficára em poder da soldadesca, retornou sobre seus

---

(1) Todos esses pormenores se vêm em Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. II, pags. 263 a 270.

(2) "Conservaba en la memoria muchos casos elocuentes de aventuras desgraciadas que justificaban sus repugnancias. La influencia reblandecedora de la *China* sobre el claro espiritu de Ramirez, el poderoso caudilho de Entre Rios, y su muerte tragica por defenderla no se borró jamás de su espirito." Idem, pag. 266.

passos e de ferro desembainhado caíu sobre os aprisionadores da dama como um leão furioso. Rodeado pela turba armada que desejava sua vida, foi atirado abaixo do cavalo por um lançaço, mal ferido, morto e decapitado por um indio santafecino, que amarrou ao lombilho a sua cabeça e levou-a, como precioso troféu de guerra, ao governador D. Estanisláo López".

Às vezes, D. Juan tambem recordava, sorrindo com ironica piedade, ao lado da "sultana favorita de Ramirez", os dramaticos resultados de outras fraquezas amorosas: as influencias contrarias e terriveis da Macacha e da Pepita Marquiégui nas dissenções saltenhas, os ciumes de Brizuela, impedindo-lhe a ação politica e militar, e mesmo a copaticipação de D. Bernarda Rocamora, de D. Maria Buchardo e de D. Trindade Mantilla na vida pública dos Balcarce. E terminava, sentencioso e teatral como sempre:

— O maior perigo para uma personalidade politica é o das *Macachas!*...

Todavia, como escreve um seu admiravel psicologo, "em vão bateram-lhe a porta mil prestigios, que, seduzidos pela grandeza e pela ambição de compartilha-la, lhe ofereceram primicias em flôr. Em vão, porque foi impenetravel a toda influencia que pudesse arrancar um sorriso de tolerancia ao enorme poder que saboreava sozinho com serena glutoneria. Como não seria completa a superioridade de seu genio, si até suprimira ou interrompera as relações mais humanas com soluções de continui-

(3) *Historia de la Republica Argentina*, tomo VIII, e Amedeo Baldrich — *Guerra del Brasil*, Buenos Aires, 1905, pag. 64.

dade tão pouco animais? Metia-se no fogo como si fôra incombustivel e fugia, quando entendia, sem queimar um pêlo. Sua desavergonhada imaginação parecia gozar mais do que seus sentidos, porque seu prazer maligno era esfolar a honra melhor defendida com uma frase tôrpe. Era capaz de enrubecer a propria falta de vergonha com uma anedota, guardando a frieza horrivel do enunco que desperta o desejo sem satisfazê-lo jamais, ao menos com o calor acidental do capricho. Seus divertimentos com as mulheres tinham alguma cousa dos das feras nos momentos de mansa lassitude. Parecia o gato que torna a bola de borracha sua presa e simula fugas e ataques, ou o leopardo que agarra e solta o pedaço de papel que o vento atirou de encontro às grades da jaula" (4).

Era assim o Rosas amoroso...

Ele rebaixára, acepilhára tudo em redor de si. Era preciso rebaixar, aplainar, reduzir à expressão mais simples pelo desprezo, pelo ridiculo e pelo insulto as almas femininas. Temia o perigo da influencia das *Macachas* e defendia-se com essas burlas enervantes e humilhantes.

Uma das *macachas* que mais desejavam compartilhar o poder rosista frequentava todas as reuniões e festas de Palermo. Como tivesse uma bela voz, cantava, acompanhada ao piano, as mais ternas e apaixonadas *Vidalitas* que estavam em moda. Quando as suas queixosas notas enchiam o salão, D. Juan Manuel bocejava longamente. Depois,

(4) Ramos Mejia, idem, pag. 269.

perguntava a Manuelita em tom que se fizesse ouvir de todos os que lhes estavam proximos, afetando ao mesmo tempo nunca saber de quem se tratava:

— *"Niña"*, quem é essa egua que está relinchando? (5).

(5) "...don Juan Manuel preguntaba en voz alta *a la niña* — "a que manada pertencia la yeguita que relinchaba?" Ramos Mejia, idem, pag. 262.

LUAR DE SANGUE

"Vé una noche el sereno, un hombre que se paseaba delante de la casa de Rosas. Cerca de alli vivia la joven amada por él. A pesar de la declaración dada por ella, se sospecha del novio y lo fusilan. Ese joven fué Cienfuegos."

(FELIX FRIAS — *"La gloria del tirano Rosas"*).

Todas as noites, o jovem Cienfuegos, terminados os seus afazeres, cautelosamente se aproximava da cêrca do arborizado parque de Palermo e, rente a ela, caminhava pela sombra dos chorões até chegar ao pequeno jardim da moradia de sua noiva. Como a familia desta fizesse oposição ao casamento, os dois somente se podiam vêr às escondidas. Dahi os cuidados do rapaz. Logo que a gente da casa se recolhia, ele transpunha a sébe e ia conversar à janela com a sua amada, oculto pelos jasmineiros floridos.

Depois que o canhão da bateria da Liberdade dava o sinal da cessação de todo e qualquer trabalho e da substituição dos policias, que iam e vinham pelas ruas, por *serenos* ou guardas noturnos, aquele vulto se esgueirava pelas cercanias da moradia governamental, infringindo o decreto que proibia a qualquer cidadão andar pelas vias públicas após o referidos tiro de peça (1).

Cienfuegos dava provas de grande coragem, passando por aqueles lugares a tais horas. Ninguem em Buenos Aires se atrevia a tanto. E só o amor impele a semelhante audacia. Porque, segundo afirmam os contemporaneos, não havia silencio, obscu-

---

(1) Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pag. 250.

ridade, tristeza comparaveis aos dos arredores de Palermo. No negrume das trevas, brilhavam, como olhos vigilantes, acesas, as janelas do gabinete de trabalho do ditador. O vento sutilmente ronronava na folhagem dos álamos. E, de longe, vinha o rumor abafado do passo das patrulhas. De momento a momento, se ouvia, distanciada, "com tragico sobressalto, a lúgubre voz dos serenos que cantavam, nas esquinas, conforme o rito federal, seu lamentoso canto de morte. Canto pausado. Canto fatidico. Canto que fazia estremecer":

— Viva a Confederação Argentina!

— Morram os selvagens, asquerosos unitarios!

— Morra o louco, traidor e selvagem unitario Urquiza!

— Já bateram dez horas!

— Viva a Representação!

Certa noite, um sereno seguiu aquele vulto que beirava o parque sagrado, mas perdeu-o na escuridão. Pôs-se à espreita outras vezes. Lobrigou-o e não conseguiu alcança-lo. Ficou inquieto. Quem seria e que pretenderia esse individuo sorrateiro nos arredores da quinta do Ilustre Restaurador? Pediu o auxilio de alguns companheiros e ainda assim, o misterioso personagem lhes escapou. Mas veio o luar. As sombras das arvores escureciam a rua, porém havia abertas muito iluminadas pelas quais o fugitivo teria forçosamente de passar e que o trairiam. Assim aconteceu. Os noivos não puderam gozar os encantos sutís da luz amorosa e dôce, perfumada pelos efluvios dos jardins floridos. Cienfuegos, ao vir para a casa da noiva, foi agarrado pelos serenos e levado ao chefe de policia.

Submetido a rigoroso interrogatorio, calou-se dignamente. Não tinha o direito de comprometer a sua amada. Porém esta soube da prisão e, espontaneamente, compareceu à policia, onde declarou os motivos por que o seu querido noivo todas as noites vinha vê-la com aquelas precauções.

As declarações da rapariga de nada serviram. A policia rosista estava muito desconfiada e o seu chefe levou o estranho caso ao conhecimento do tirano. Rosas refletiu algum tempo e, como não admitia o sentimentalismo e o sacrificio no amor, disse tranquilamente ao seu preposto:

— Afinal de contas, pelo menos a proíbição de andar as dez horas pelas ruas ele infrigiu. Embora não se prove sua intenção de praticar qualquer atentado, póde muito bem estar mancomunado com a rapariga. E' suspeito. Pelo sim e pelo não, já sabe o que deve fazer...

No dia seguinte, o luar ainda era mais lindo, mais dormente e mais perfumado. Embriagava de luz e de cheiro. Tinha a beleza tentadora de uma mulher. E á sua poetica claridade, o infeliz Cienfuegos foi fusilado no patio do quartel de policia por quatro soldados, sem que lhe valessem as lagrimas e os desespero de sua desgraçada noiva.

Luar de sangue (2).

---

(2) Para todas as minucias, veja-se Felix Frias — *La Gloria del Tirano Rosas,* libello publicado em Buenos Aires; Arturo Capdevila — *Las Visperas de Caseros,* Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pags. 38, 39 e 40.

O TROFÉU DE MANUELITA

"En Manuelita, mi preciada hija, tienen uds, una heroina. Qué valor! Si, el mismo de la madre."

(Carta de Rosas ao coronel D. Vicente González, em CARLOS TEJEDOR — *"Bosquejo Historico"*).

A grande figura feminina da tirania rosista, depois da morte da áspera e fanatica D. Encarnación, foi Manuelita, a *Niña* como a tratava o pai. Alta, esbelta, fartos cabelos castanhos, olhos claros e vivos, inquietos e brejeiros, a bôca frêsca e bem feita, embora grande, a tez palida como o exigia o romantismo da época, não podia ser considerada bela, porém era, sem duvida, graciosa e interessante. Simples e amavel, acolhia a todos com um sorriso franco (1). Ela mantinha na côrte rosina o sceptro que lhe deixára a mãe, com certa coqueteria que agradava. Era um dos melhores instrumentos de Rosas nos seus propositos, agindo feminilmente na sociedade. Por isso, fôra considerada a Coluna da Federação, e a Junta de Notaveis já uma vez de público se pronunciára para que fôsse proclamada sucessora do pai em qualquer emergencia (2).

No dia do aniversario dessa *jolie-laide*, havia festas de carater popular, como no dia do aniversario de D. Juan Manuel. Farranchos de homens e mulheres, acompanhados de violeiros e guitarris-

---

(1) Artura Capdevila — *Las Visperas de Caseros,* Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pags. 38 39 e 40.

(2) Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo,* Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pag. 213; Carlos Tejedor — *Bosquejo Historico.*

tas, vinham cantar-lhe ao romper da alvorada ou em serenata, sob o florido balcão, trovas deste sabor:

"En el Prado de Palermo
hay esbelta y olorosa
entre nardos una rosa
y es de carmin su color.

Buenos Aires tiene
tambien su heroina,
su flor argentina,
su Virgen del Sol.

Cantad, argentinos,
el dia dichoso,
natal venturoso
de un Ángel de Luz" (3).

Da sociedade em que imperava por delegação de seu pai esse anjo de luz e essa virgem de sol fugiram a elegancia e a distinção. A ralé levára-lhe com seu dominio a promiscuidade e o máu gosto. Era bem a época do negro e do mashorqueiro. Nas festas de Palermo, não se dansava mais a valsa lenta e sonhadora, nem floriam as mesuras dos minuêtos fidalgos. A doce e volutuosa Manuelita fizéra-se a campeã da introdução vitoriosa dos bailados populares. E, de envolta com a gente da ultima hora, os remansecentes da culta sociedade portenha de outróra agradavam a Rosa e a Manuelita bailando o *gato*, o *cielito* e outras contradansas menos nobres... (4).

(3) Arturo Capdevila, op. cit. pag. 53 .
(4) Ramos Mejia, op. cit. vol. II, pags. 299-300.

A parte mais interessante dessas festas no casarão de Palermo era a entrada triunfal de Rosas. Fardado de capitão general como costumava comparecer às ceremonias civicas, o governador surgia no meio do salão profusamente iluminado montando *Sua Paternidade*. Era este o titulo que ele dava ao mulato D. Eusebio da Santa Federação ou a qualquer outro dos seus bufões habituais. O tirano não prescindia de jograis e truões como os reis de antanho.

Os convidados alinhavam-se ao longo das paredes, sorridentes, e D. Juan Manuel passava-os — póde-se dizer — em revista, montado naquela cavalgadura exotica. *Sua Paternidade*, de quatro pés, conduzindo às costas a carga sagrada, trotava e galopava, às vezes bufava e relinchava. Depois, punha-se a coices, a upas e a corcovos até que seu cavaleiro o atirava contra uma parede, onde batia fortemente com a cabeça. Rosas, então, deixava-o e tomava parte no baile, enquanto a assistencia, de bôa ou má vontade, morria de riso... (5).

Uma dessas festas foi oferecida aos oficiais dum navio de guerra inglês surto no porto de Buenos Aires. Rosas e Manuelita cumularam-lhes de amabilides. O capitão do barco, o comodoro Flanckland, rendido aos encantos suaves da *Niña*, não a deixou a noite toda. Pela madrugada, pouco antes de terminar o baile, ela disse-lhe:

— Ganhei hoje um presente que me deixou contentissima. Foi um dos mais belos mimos que tenho recebido na minha vida.

---

(5) Esta cena foi presenciada pelo general Guido que a referiu a D. Vicente Fídel López e confirmada por D. Bernardo de Irigoyen, segundo se lê em Ramos Mejia, op. cit. vol. II, pags. 298-299.

Curioso, o oficial de marinha indagou:

— Que foi? Tenho curiosidade em saber.

— Adivinhe! exclamou ela, movendo displicentemente o leque.

O capitão levou meia hora a fantasiar cousas raras e riquissimas, sem conseguir atinar com a natureza do mimo. Manuelita sorria. Por fim, disse:

— Já que o senhor não consegue descobrir o que seja, vou mostrar-lhe.

Tomou-o pela mão e guiou-o, através de alguns aposentos, a um pequeno gabinete. Sobre uma mesa de pés dourados, apontou-lhe uma salva de prata. O oficial recuou com espanto: dentro dela havia duas orelhas humanas inteiramente arroxeadas!

E Manuelita com a mais desenvolta graça e o melhor de seus sorrisos:

— Um amigo de papai, vencedor da batalha de Monte Grande, enviou-me este belo troféu. São as orelhas salgadas dum dos nossos peores inimigos, o coronel Facundo Borda (6).

O inglês não deu uma palavra. Cumprimentou e retirou-se. No dia seguinte, o seu navio levantava ferro.

---

(6) A historia das orelhas salgadas do coronel Borda, enviadas a Manuelita depois do combate de Famaillá ou de Monte Grande está no poema de Echeveria — *Avellaneda,* da ultima nota do canto II. Leia-se a proposito Capdevila, op. cit. pags. 50 e 51. Segundo Baptista Pereira — *Civilização contra Barbárie,* S. Paulo, 1928, pag. 115, o *The Britannian* de 25 de julho de 1842 relatou a cena entre Manuelita e o capitão Flanckland. A voz sobre as orelhas era tão corrente que os romances franceses de cordél ou os folhetins europeus da época pintavam a gentil filha de Rosas colecionando em rosarios as orelhas de seus namorados, conforme se póde verificar na obra citada por Capdevila, às pags. 48 e 49.

A FESTA DA MASHORCA

"... la señorita Manuelita de Rosas, digna hija de nuestro Ilustre Restaurador de las Leyes y la respetable familia de S. E. daban realce con su presencia al esplendor de estas festividades federales. Tambien asistieron otras señoras distinguidas..."

(GACETA MERCANTIL, n. 4.834).

O Clube da Mashorca e a *Sociedade Restauradora* festejavam publicamente, com grandes manifestações, o aniversario de Rosas. Buenos Aires engalanára-se toda. As ruas estavam atapetadas de folhagens e flôres. Arcos de triunfo erguiam-se nas esquinas. E de meia em meia hora a bateria da Liberdade disparava um tiro.

As duas sociedades promotoras de tais demonstrações eram compostas do que havia de peor na capital argentina. Chefiadas por individuos capazes de tudo como o ex-frade Ravelo, Santa Coloma, Ochoteca, o protegido de D. Encarnación, cujo riso sinistro gelava os corações, eles tinham preparado o advento do tirano e o sustentavam no poder, espalhando o terror. Sua audacia era tal que entravam na alta sociedade e na propria Sala dos Representantes, para ameaçar de morte áqueles que demonstravam a menor má vontade contra seu idolo. E, juntos aos magarefes do Matadouro, eram os carrascos das chamadas execuções populares ao som da horrenda cantiguinha da *Resbalosa* (1).

O grande prestito de manifestantes mashorqueiros organizou-se na rua da Bôa Ordem e dali partiu para Palermo. À frente, rompendo a marcha, um

---

(1) Bormann — *Rosas e o Exercito Alliado*, Rio de Janeiro, 1912, vol. I, pag. 51 etc.

esquadrão carmezim de cavalaria, os Dragões da Policia, desembainhados e refulgindo os cambaios e afiados sabres. Depois, o pessoal do Matadouro, homens e mulheres — aqueles de "brazos y pechos desnudos, cabello largo y revuelto, con el rosto y la camisa llenos de sangre", estas "negras y mulatas hachuradoras" (2). Uma banda de musica tocava seguidamente o Hino dos Restauradores e, lendo os versos de Rivera Indarte distribuidos com profusão em fôlhas sôltas, o populacho cantava:

"Ah! cobardes temblad: es en vano
agoteis vuestra saña y rencor

que el Gran Rosas preside a su pueblo
y el destino obedece a su voz".

Uma agitação de bandeiras rubras. Quando o vento as desfraldava com mais força, podiam-se lêr os seus disticos setarios: "Ao Maior dos Portenhos!" "Ao Maior Genio da America do Sul!" "Ao Nosso Valente Defensor!" "Ao Protetor e Advogado da Dignidade e da Honra da Patria e da America!" "Ao Muro de Bronze da Santa Causa Nacional da Federação!" "À Ancora de Salvação do Santo Sistema!" (3) As insignias das paroquias traziam os titulos do despota: Brigadeiro-general, Ilustre Restaurador das Leis, Heroico Defensor da Independencia Americana, Herói do Deserto, Pai da Patria.

---

(2) Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pag. 248.

(3) Idem, vol. II, pags. 15 e 32, e *Manifesto de los Empleados en la Policía de Buenos Aires* de 19 de agosto de 1839.

A efigie de Rosas era conduzida num andor por juizes de paz, solenemente, rodeada dos mais preeminentes mashorqueiros. Seguiam-se-lhe as sociedades de negros e outro pelotão de cavaleiros encarnados fechava a marcha do cortejo. Diante do casarão de Palermo, a multidão se deteve. Rosas assomou a um balcão. Fardada de azul e ouro, sua pessoa bem tratada demonstrava saude e esmerado asseio. A face masculinamente bela não lhe traía a idade. Um de seus panegiristas afirma que com cincoenta e quatro anos parecia mal sair da juventude (4). Começava a engordar.

Sorriu aos manifestantes.

Um dos juizes de paz, então, tirando o chapéu cintado de vermelho, clamou:

— Que os bons federais, agradecidos aos importantes serviços prestados pelo nosso Herói, me acompanhem com suas vozes patrioticas!

E desfilou o rosario das maldições sacramentais, que o formidavel côro de milhares de individuos ali adensados repetiu ameaçadora e terrivelmente:

— Morram os selvagens, asquerosos, imundos unitarios!

— Morram os que intentem conspirar contra Rosas e quem não gostar que arrebente!

— Morram todos os impios estrangeiros e monstros unitarios!

— Morram, degolados como carneiros, todos os inimigos do nosso amado Restaurador!

— Morram os impios, selvagens unitarios!

---

(4) Saldias — *Historia de la Confederación Argentina*, La Faculdad, Buenos Aires, 1911, vol. III, pag. 306.

— Morra a asquerosa canalha unitaria!
— Morra a nefanda sevandija!
— Morram os perros unitarios!
— Morram os demonios depravados!
— Morram os perfidos assassinos parricidas! (5).

Silenciosos e hieratico, Rosas ouvia a ladainha bárbara, intimamente se babando de gozo. E os gritos selvaticos, como estranhas maldições dum rito fetiquista, vararam o ar.

Calaram-se de repente as vozes. As bandas tocaram o hino nacional. Ao longe, na cidade inteira, todos os sinos de todas as igrejas repicaram alegremente. E, diante das janelas e balcões de Palermo, cheios de uniformes e de plumas, de damas da sociedade e de altos militares, de congressistas e de magistrados, brandindo a sua alta vara de tambor mór, chefe de uma das guardas de honra populares do tirano, o coronel D. Joaquim Ramiro bradou estentoreamente:

— Viva D. Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rosas! (6).

E uma estrondosa aclamação abalou o espaço.

As portas de Palermo abriram-se ao poviléu que invadiu as salas, rodopiando em delirio, atirando-se às comedorias e bebidas. No salão de honra, as senhoras e senhorinhas rodeavam Manuelita, muito alegre. A negraria e os magarefes circularam-nas a sorrir, com gracejos. Lá fóra, estrugiam os foguetes, bimbalhavam os sinos, roncavam os ca-

---

(5) Ramos Mejia, idem, pag. 17 e as acima citadas.

(6) O nome por inteiro de Rosas vem em Saldias, op. cit. vol. I, pag. 12.

nhões da bateria da Liberdade. As bandas atacaram as contradansas e cada homem do povo tomou nos braços a sua dama da alta roda, para bailar. Nupcias da canalha com a aristocracia. Bôdas humilhantes presididas pela bela figura sorridente de D. Juan Manuel.

Um mulatinho soéz, desdentado e torto, a rescender suor velho, aproxima-se de Manuelita, faz-lhe primeiro uma mesura esconsa e, depois, com democrática insolencia, diz-lhe simplesmente:

— "Una vueltita federal, *Niña?*" (7).

(7) "A la más encopetada dama (y no podia excusar su presencia), brindabasele la *Vueltita Federal* con el mulatillo que la solicitara henchido del garbo habitual de su democrática insolencia", Ramos Mejia, op. cit. vol. II, pags. 22 e 23.

O MÁU AGOURO

"In veienti agro biceps puer natus, et Sinuessae uni manu. Oximi puella cum dentibus; arcus interdiu sereno coelo super aedem Saturni in foro Romano intentus: tres simul soles effulserunt; faces eadem nocte plures per coelum lapsae sunt in Lanuvino; apud Goerites anguis in oppido jubatus, aureis maculis sparsus apparuit; in agro Campano bos loquutus, et in sabinis terrae motus ingens factus est. Carthaginensis eodem anno cum Graeciae urbibus adversus Romanos, Perseo sollicitante, conspiraverunt."

(JULLI OBSEQUENTIS — *"Prodigiorum Libellus"*).

Corria o mês de maio, que a adulação portenha chamava babosamente o mês de Manuelita. Não era de admirar que a substituissem a Maria, mãe do Senhor, pois o *Diario de Avisos,* fôlha oficial do tirano, se comprazia em declara-la continuamente — "Divindade protetora das alegrias do povo" (1). Corria o mês de maio. Urquiza agitava-se e a diplomacia brasileira tecia a trama que haveria de dar em terra com o despotismo, libertando a Argentina do pesadelo.

Então, em Entre-Rios, uma pobre mulher do povo teve um filho monstruoso: corpo de gente e cara de carneiro. As mais desencontradas versões correram sobre o prodigio, enriquecendo de canções e lendas o *folk-lore* local. Como o aborto ameaçasse viver, enviaram-no a Buenos Aires, onde durante uma semana a mãe o amamentou, servindo ambos de pasto à curiosidade pública (2).

Toda a gente da capital foi ver o pequenino monstro. Rosas e Manuelita tambem. E um autor escreve que, si ele não ficou impressionado, deve isto a ter ignorado os livros de Tito Livio, quiçá o proprio nome do grande historiador de Roma.

---

(1) Arturo Capdevila — *Las Visperas de Caseros,* Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pag. 82.

(2) Idem, pags. 78 e 79.

Acrescentamos que, si ele ao menos de oitiva conhecesse o "Livro dos Prodigios" de Julio Obsequens, se teria sentido completamente perdido...

O menino de cara de ovêlha não conseguiu esfriar o entusiasmo mashorqueiro, porque a canalha portenha estava tão comprometida que sabia que somente com o despota se poderia salvar, mas cavou alguns sulcos de preocupação em muitas frontes. Em rapidos cochichos, trocavam-se impressões de máu agouro, e recordavam-se prodigios análogos que tinham anunciado desastres e epidemias.

A gente rosina não se sentia muito bem.

Por esse tempo, estava em moda nos cartazes teatrais da cidade o famigerado drama *Juan sin pena*, terrivel critica contra D. Justo José de Urquiza, louco, traidor, selvagem e asqueroso unitario, segundo a fórmula solene de maldição oficial, de cuja provincia rebelde tinha vindo o agourento petiz da cara de borrêgo. Rosas frequentava a miúde o Teatro Argentino, na esquina da rua de la Merced (3), onde todas as noites era aplaudida a peça federal.

Não vinha mais olhar e ouvir o drama fastidioso, porém gozar as aclamações da arraia miúda, sua amiga. Apresentava-se na frisa oficial em grande gala, com Manuelita ao lado, diademada de joias, cercado pelos seus ajudantes de ordens — o general Heredia, o coronel Lagos, os majores Belomo, Ximeno e Aguilar. Dos camarotes, as senhoras debruçavam-se sorridentes e atiravam-lhes braçadas de flôres. As galerias cheias de *chalecos co-*

(3) Mariano G. Bosch — *Historia del Teatro Argentino.*

lorados pareciam uma movediça tapeçaria côr de sangue.

De repente, D. Juan Moreno, chefe de policia, ou D. Juan Manuel Larrazábal, chefe dos serenos, punha todo o corpo para fóra da frisa, agitava o chapeu e bradava:

— Louvor eterno ao magnanimo Rosas!

O teatro delirava. A multidão carmezim das torrinhas, a gente meia vermelha e meia branca da plateia, os cavalheiros e as senhoras de enormes gravatas e de laçarotes rubros das lojas, de pé, freneticos, repetiam em côro a aclamação ritual. Depois, outras pessoas lançavam vivas com epítetos fóra do comum, alguns dos quais Rosas sobremaneira apreciava:

— Viva o Washington do Sul!

E seguia-se a formidavel trepidação dos morras sacramentais.

Corria o mês de maio.

Após uma dessas ruidosas audições do *Juan sin pena* no Teatro Argentino, Rosas descia os degraus do vestibulo para ir tomar a carruagem, dando o braço a Manuelita, quando o chefe de policia dele se aproximou e disse-lhe em voz baixa:

— Sr. governador, aquela criança monstruosa da cabeça de carneiro morreu esta tarde...

— Áh! rosnou D. Juan Manuel.

D. Lorenzo Torres, famoso chefe das turbas populares federais, surgiu ante o grupo do tirano e do estado maior, acompanhado de seus vermelhos asséclas e lançou, subitamente, este grito inesperado:

— Morra o Brasil!

O olhar de Rosas deteve-se, indagador, no seu chefe de policia e este quiz continuar a relatar-lhe

os acontecimentos, porém somente teve tempo de balbuciar alguma cousa, porque D. Lorenzo já estava ao pé do tirano e já lhe soprava a grande, a terrivel noticia:

— A esquadra brasileira foi avistada nas aguas do Paraná! (4).

(4) Capdevila, op. cit. pag. 90.

CAXIAS, O PACIFICADOR

"Um poder estranho ameaça a integridade do Imperio e tão estólida ousadia jamais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será o teatro de suas iniquidades, e nós partilharemos a gloria de sacrificar os ressentimentos criados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil."

(Proclamação de David Canabarro aos Farrapos, quando aceitou o acôrdo de paz proposto pelo barão de Caxias.)

A espada e o tacto de Caxias tinham pacificado o Rio Grande do Sul. Depois de dez anos de gloriosa luta, os audazes republicanos de Piratinim depunham nobremente as armas. E a vizinhança platina, sempre ansiosa pelo enfraquecimento do Brasil, emocionou-se.

Seria possivel? Os sonhos da desejada fragmentação do Imperio por terra? Desfeitos os ideais de crear para nosso lado uma especie de Banda Oriental? Escreve a proposito, com propriedade, um dos nossos historiadores militares: "Sonhos de anexação, separação do Rio Grande, fronteira para base de operações na Republica Oriental pela caudilhagem militar, sôfrega de assentar-se na curul presidencial; tudo acabado! A proclamação de David Canabarro que era, então, general em chefe dos revolucionarios, anunciando a paz, foi lida e comentada nas republicas vizinhas com avidez e paixão, e é claro que os chefes da revolução outróra tão elogiados, tão considerados, fôram postos pela rua da amargura. Não houve insultos que não fossem atirados sobre os ex-amigos, os ex-aliados, especialmente porque Canabarro aludia a um poder estranho que ameaçava a integridade do Imperio..." (1).

---

(1) Bormann — *Rosas e o Exercito Aliado*, Rio de Janeiro, 1912, vol. I, pag. 144.

Esse poder era o tirano Rosas, que protestava contra o reconhecimento da independencia do Paraguai pelo Brasil, mandava Oribe apoderar-se do Uruguai e sonhava a famosa reconstituição do antigo vice reinado de Buenos Aires, acrescentando-lhe o Rio Grande ou pelo menos erigindo-o em Estado autonomo e tampão. À voz de Caxias, os Farrapos acordaram do seu devaneio que custára muita lagrima e muito sangue. Sentiram a ameaça que pesava sobre o seu país e desembainharam de novo as espadas sob o comando do grande brasileiro, para defenderem o Brasil unido. Como antes, como depois, como sempre, o Rio Grande não mentiu ao seu papel, nobre e glorioso, reservado pelas fatalidades historicas e geograficas, de sentinela da fronteira meridional. E os sub chefes de Caxias na arrancada contra Rosas foram os antigos caudilhos farroupistas.

Na proximidade da fronteira brasileira uruguaia, em Pontas do Cunha Pirú, Caxias concentrou o exercito imperial: quatro divisões e um comando geral de artilharia, dezeseis mil e duzentos homens. E pôs-se em marcha, entregando a direção da vanguarda, que era o posto de maior responsabilidade no momento, a David Canabarro, que os gringos despeitados alcunhavam, depois da proclamação de Poncho Verde, — *o novo súdito do Imperio*.

Caxias foi a espada que sustentou longos anos o Imperio, combatendo e, mais do que combatendo, pacificando. O antigo comandante dos Permanentes da Côrte impuséra-se pela integridade absoluta do seu carater. Ninguem, no nosso país, em quatro seculos de historia, foi maior do que ele. Guerreiro e politico. Diplomata e estadista. Ninguem teve

maior fé nos destinos da patria e ninguem a serviu com maior brasilidade. Velho e enfermo, deixou as suas comodidades para ir ao Paraguai concertar, como dizia, com certa amargura, numa carta intima ao barão de Muritiba, as asneiras que outros tinham feito...

Mas essa espada, terrivel contra os inimigos externos, sabia embainhar-se a tempo nas lutas fratricidas e render homenagem ao adversario civil que caía ou que se entregava. Assim procedera na revolta de Minas e S. Paulo, esmagada no combate de Santa Luzia do Rio das Velhas, onde aprisionára o barão de Wiesner de Morgenstern, destinado a ser outra vez seu prisioneiro, ambos anciões já, na batalha de Lomas Valentinas. Assim procedera na rebeldia do Maranhão. E assim procedera na guerra dos Farrapos.

Um episodio pinta melhor do que muitas paginas de psicologia como ele costumava agir.

Travou-se o famoso combate de Porongos entre os legalistas e os republicanos. Estes perderam muita gente e aqueles ficaram vitoriosos. A derrota abriu aos soldados imperiais o caminho de Bagé. O então barão de Caxias marchou para a cidade, onde lhe prepararam muitas festas. Ao aproximar-se o general, uma comissão com o páraco à frente foi ao seu encontro e convidou-o para as comemorações e solenidades, entre as quais estava incluido um *Te-Deum*. Lima e Silva sorriu e declarou que absolutamente não consentia que se realizasse nenhuma daquelas festividades projetadas. A comissão mostrou-se muito contrariada e o vigario ousou insistir:

— Ao menos o *Te-Deum*, excelencia!

Caxias replicou verbalmente:

— "Reverendo, precedeu a esse triunfo derramamento de sangue brasileiro. Não conto como troféus desgraças de concidadãos meus. Guerreio dissidentes; mas sinto as suas desditas e choro pelas vitimas como um pai por seus filhos. Vá, reverendo, e, em lugar de *Te-Deum*, celebre missa de defuntos, que eu, com o meu estado maior e a tropa que na sua igreja couber, irei amanhã ouvi-la por almas dos nossos irmãos iludidos que pereceram no combate" (2).

(2) Idem, pag. 148.

O ENTERRO DE URQUIZA

"Federales corred a las armas,
que el clarin de la guerra sonó.
Y os provoca a la lid sanguinaria
de Entre Rios, Urquiza el traidor."

(Canção popular patriotica do tempo de Rosas).

A guerra fôra declarada. Unido ao general Urquiza, governador de Entre Rios, o Imperio resolvêra intervir nos destinos do Prata, derramando sangue de seus filhos pela civilização e pela liberdade. Era necessario demolir o regime rosista que degradava a Argentina e envergonhava a America. E a Buenos Aires negra e mashorqueira delirava de odio ao Brasil e a seu aliado.

Rosas tivera sempre receio da ação imperial. "Pontifice brujo de uma teocrácia bárbara", evitára continuamente que nos seus ritos se aludisse ao Brasil. Capdevila escreve a proposito: "Urquiza convocava as milicias rurais e o Imperio nomeava o então conde de Caxias comandante em chefe do exercito de observação, ao mesmo tempo que chamava às armas as guardas nacionais de S. Borja, Itaqui, Piratinim, Pelotas, Jaguarão, Rio Grande, S José... Apesar disto, nas imprecações solenes de 9 de julho, Rosas impetrava do céu e da terra morte horrivel para as aventêsmas Flôres e Santa Cruz, esquecendo-se adréde do inimigo em marcha... Era que o Grande Americano e mui ilustre argentino implorava fóra de horas a mediação de Mr. Southern e o favor das estrelas. Medo? Sim, medo. Os fatos o demonstram" (1).

Mas os pedidos e intervenções não deram resultado e, ao rumor dos tambores das tropas brasileiras, as milicias entrerianas e corrientinas cami-

nharam para as planicies fartas do Uruguai. Rosas tremeu. Buenos Aires tremeu com Rosas e, publicamente, os mashorqueiros puderam associar, nas suas maldições de baixa feitiçaria e nas suas comedias tragi-burlêscas, o nome de D. Justo ao nome do Brasil.

Resolveu-se a canalha rueira a fazer uma manifestação de terrivel desagrado a D. Justo José de Urquiza e os seus caudilhos organizaram o enterro do governador de Entre Rios.

Formado à porta do Teatro Argentino, na rua da Mercê, o prestito pôs-se a caminho de Palermo. Os chalecos encarnados dos mashorqueiros profissionais abriam a marcha. Sobre um carro enfeitado de azul celeste, côr unitaria, por derrisão, e todo tremulante de fitas verdes e amarelas, alfinetada no Imperio, via-se imenso caixão de defunto, recamado de douradas e aberto, mostrando grande boneco, fardado e encartolado, a repousar sobre coxins celestiais. Atrás, vinha a multidão a passo lento, chorando e se lamentando de tão rude golpe... (2).

De espaço a espaço, parava o burlesco cortejo. O soluço dos carpidores esmorecia. E uma voz roufenha entoava lentamente o latinorio dos mortos.

— *Si iniquitais observaveris, domine, domine, quis sustinebit?*

Outras vozes soturnas respondiam:

— *Requiem eternam!*

— *Et lux!*

Continuava a marcha. Depois, outra parada e a voz fanhosa:

---

(2) Idem, 101, etc.

— *Exultabunt, domine, ossa humiliata.*
E as respostas sinistras:
— *Requiem eternam dona eis, Domine.*
— *Et lux perpetua luceat eis!*

Gargalhadas canalhas varavam o ar. E um côro aflautado começava a cantar:

"Al arma argentinos!
Cartucho al cañon!
Que el Brasil regenta
la negra traición!
Por la callejuela,
por el callejón,
que a Urquiza compraron
por un patacón!

Triunfará de Rosas
la negra traición
cuando la naranja
se vuelva limón.
Por la callejuela,
por el callejón,
que a Urquiza compraron
por un patacón!"

E os vivas e os morras cobriam o som das estrofes picarêscas. De repente, um sujeito surgiu a uma esquina agitando uma bandeira imperial. O losango amarelo heraldicamente armoriado refulgia no campo verde batido pelo vento. A multidão cercou-o, uivando de furor. Ele esguélava-se:

— E' a gualdrapa do burro! E' a gualdrapa do burro!

Parou o enterro, desfizeram-se os arreios do magro jumento que puxava o coche funebre e sobre

suas costas colocou-se, como manta, o pavilhão brasileiro que não tinha ninguem a defendê-lo... (3).

E o poviléu lá se foi rua afora, cantando:

"El sable a la mano!
Al brazo el fusil!
Sangre quiere Urquiza;
Balas, el Brasil!"

Assim se encaminharam para Palermo de San Benito, residencia do senhor governador "Todo o trajeto estava profusamente adornado com troféus da Santa Causa. Tinham regado o sólo e, de trecho em trecho, a contar da capitania do porto, estavam postadas bandas de musica militares. Com o rio à vista, posto como testemunha, a gente das carruagens fazia calculos otimistas sobre a guerra, recordando por exemplo que, no ano 40, trinta navios franceses em vão tentaram dominar a imensidade de suas aguas e acabaram por se fazerem a vela, um dia, vencidos pela bôa estrela do Restaurador... Entretanto, brilhava, dourado e carinhoso, o sol de setembro, e o Prata estendia-se, iluminado e melancolico, nos limpidos horizontes da tarde..." (4).

O enterro parou ante a fachada do casarão governamental. Rosas veio ao balcão, dando a mão a Manuelita. E, em côro, a multidão cantou em sua presença este *ovillejo* da moda:

---

(3) "...un manso burro llevaba de gualdrapa la bandera del Brasil"... idem, pag. 101.

(4) Idem, pag. 158.

"A quien le espera un buen susto?
A Justo.
Por ser loco bien se vé,
Por José.
El oprobio se eterniza
de Urquiza.

Mal la vida finaliza
quien a ser traidor empieza.....
Le cortarán la cabeza
A Justo José de Urquiza!"

Os morras sacramentais seguiram-se imediatamente:

— Morra o louco, traidor, selvagem, unitario Urquiza!

— Morra o traidor e aleivoso Brasil!

O enterro voltou para a cidade e o feretro foi deposto na praça da Vitoria, ao pé da Piramide de Maio. Ali, com luminarias, em regabofe, os mashorqueiros passaram a noite velando-o.

Na noite seguinte, das tapizadas janelas do solar do senhor Riglos, Rosas, Manuelita e sua côrte assistiram à cremação solene da efigie do governador de Entre Rios (5).

---

(5) Para as minucias sobre *folk lore* e outras, vide a obra citada pags. 101 e seguintes, 105, e 156 a 159.

A TROIA AMERICANA

"El general Urquiza, no obstante las continuas lluvias que hacian intransitables los caminos, avanza rapidamente hacia Montevidéo, inspirado en un sentimiento de argentinismo, prescindiendo, para dar el golpe decisivo, de las fuerzas brasileras, que en aquellos momentos y en numero de veinte mil hombres se hallaban en la frontera brasilera-uruguaya, al mando del conde de Caxias..."

(EDUARDO URQUIZA — *"Historia numismatica de la campaña libertadora de Urquiza"*).

Havia nove anos que Montevidéo sofria os horrores dum cêrco rigoroso. Nove longos anos de bombardeios e de sortidas, de fomes e de angustias, de mêdos e de martirio. A cidade heroica era o refugio daqueles que escaparam ao Terror de Buenos Aires, escorraçados pela tirania de Rosas, e dela partiam os pamfletos que denunciavam ao mundo assombrado a crueldade nunca vista do Tigre de Palermo.

Como acabar com aquele fóco de resistencia ao despotismo federal erigido às portas da capital argentina? Como destruir aquele baluarte da independencia mental do Prata, aquele esconderijo sagrado dos asquerosos e selvagens unitarios? Rosas só tinha um homem capaz de realizar essa obra a seu contento. Era o general Oribe, o famigerado Corta-Cabeças, que afogára no sangue e em horrores peores que o sangue as rebeliões de Cuyo e Tucuman, de La Rioja e Córdoba, de Santiago del Estero e Jujuí, de Santa Fé e Corrientes. "Nos anos decorridos de 1839 a 1842, Oribe, peor que Attila, devastou, matou, incendiou e deshonrou as populações daquelas provincias. Os homens que ele comandava

não eram soldados na rigorosa acepção da palavra, eram sicarios, assassinos, ladrões, bandidos como ele. Nada poupavam, nada respeitavam". (1).

Praticava atos desta natureza: em Córdoba vencida, obrigára sob pena de açoites as senhoras da alta roda a darem vivas aos federais. D. Isidora Ibardas recusou-se corajosamente a cumprir a intimação. Condenou-a a receber diante de suas filhas trezentas vergastadas. A infeliz senhora tombou exangue no sólo nú. O selvagem mandou cortar-lhe os fartos cabelos e, atirando-os sobre o corpo lanhado e arroxeado, pronunciou esta frase:

— "Esto le puede servir de emplastro para que sare!" (2).

A esse chefe de horda tártara o Tigre de Palermo encarregára de dominar Montevidéo. Depois de esmagada a cidade revél, Rosas incorporaria, conforme suas idéias de reconstrução do antigo vice-reinado do Prata, a Banda Oriental á Confederação. A vez do Paraguai, que se tornára independente pelos conselhos de Pimenta Bueno, viria depois. E era esse, sem duvida, aquele perigo a que aludia o futuro conde de Porto Alegre na sua parte a Caxias sobre a batalha dos Santos Lugares (3).

---

(1) Bormann — *Rosas e o Exercito Aliado*, Rio de Janeiro, 1912, vol. I, pag. 108.

(2) Julio Maria Sosa — *Lavalleja y Oribe*, pag. 319.

(3) Os argentinos e os uruguaios denominam essa batalha de Morón ou de Monte Caseros. O nome oficial brasileiro, que se acha nas partes oficiais e na iconografia, é de Morón ou dos Santos Logares, designação esta ultima da quinta de Rosas que nossos soldados tomaram, formando o centro da linha de batalha e de sua sorte decidindo.

Desembaraçado dos franceses após a convenção com o almirante barão de Mackau, o ditador pôde voltar inteiramente suas vistas para o Uruguai, onde findava o governo de Rivera. As tropas de Oribe transpuseram a fronteira e bateram o velho caudilho na batalha do Arroio Grande, matando depois do entrevero, friamente, os mil e quinhentos prisioneiros que tinham sido feitos! O pano de amostra do que se ia seguir.

Estava livre o caminho da capital uruguaia. As guerrilhas de Medina e de Pacheco y Obes crearam alguns embaraços aos vencedores, mas não puderam impedir que se aproximassem. Assim, recolhendo os fazendeiros e moradores das cercanias, Rivera, à frente de seus voluntarios, refugiou-se na cidade, onde entregou o governo a D. Joaquim Suarez, como lhe cumpria em face da Constituição, por ter terminado o mandato. Patrioticamente foi organizada a defesa de Montevidéo, cuja causa simpatica abalou a opinião pública do mundo inteiro. Os estrangeiros ali residentes cooperaram eficazmente para a mesma e, "assim, ao lado da tropa de linha, se viam, nas trincheiras, as legiões: francesa, comandada pelo coronel Thiebaut, veterano das campanhas napoleonicas; italiana, comandada por José Garibaldi, que mais tarde se imortalizou nas lutas pela liberdade da Italia; e espanhola, chefiada pelo bravo coronel Brie" (4).

Os argentinos refugiados em Montevidéo bateram-se com denodo pela causa que era a sua, os Lezica, os Sosa, os Gelly y Obes, os Battle, os Tages, os Munhoz e os Solsona. O Corta-Cabeças sitiou a

(4) Bormann, op. cit. vol. I, pag. 112.

capital oriental completamente pelo lado de terra e a esquadrilha do velho Guilherme Brown bloqueou-a por mar. Porém Montevidéo levou nove anos torturada, escrevendo uma das mais brilhantes paginas da historia americana. Comeram-se os cães, os gatos, os ratos e as solas das botas. Quando a fome campeava mais negra nesses terriveis, inacabaveis nove anos, os sitiantes, quatorze mil homens fartos de alimento, mas nunca fartos de sangue, atiravam nas trincheiras dos escaveirados defensores papeluchos impressos, contendo cançonetas derisorias de sua malfadada situação, com este cruel, eterno cabeçalho:

"Vivan los defensores de las leyes!

Mueran los selvages unitarios!

Tónico

Para los selvages unitarios, tan hambrientos como rotosos, que se hallan encerrados en la infeliz plaza de Montevidéo". (5).

Os sitiados tambem se não deixavam vencer pela prilheria. Respondiam-lhe tão energicamente como aos tiros de peça. E lançavam aos inimigos papeletas com cantigas impressas deste jaez:

---

(5) Vê-se a reprodução facsimilar dum desses documentos à pag. 35 do livro de Urquiza — *Historia Numismatica de la Campaña Libertadora de Urquiza,* Buenos Aires, 1928.

"Cuando la naranja
se vuelva a pepino,
dejará Oribe
de ser asesino!

Cuando la naranja
se vuelva a limón,
dejará Oribe
de ser ladrón!" (6).

De vez em quando, Oribe se impacientava e dava um assalto aos bastiões uruguaios. Infrutuoso. Era repelido com perdas. E o seu mau humor derramava-se sobre quantos o cercavam. Sobretudo quem mais pagava eram os principais auxiliares — D. Ángel Pacheco, brilhante oficial de granadeiros a cavalo, seu chefe de estado maior, que fôra lamentavelmente flanqueado e batido na batalha de Tálas (7), Garzón, um veterano da campanha do Perú, e o coronel Mariano Maza, repugnante, sinistro e patibular, na frase dura, mas verdadeira, dum dos historiadores daquela triste época de barbárie dos nossos vizinhos.

Mas a diplomacia imperial velava pela civilização da America e o imperador condenára o regime deshumano de Rosas. Um cronista moderno da época do tirano escreve: "...el Brasil no ocultaba su intención de tutelar a Sud America, *digna y pacificamente*, como bien lo mostraba con sus veintetrés mil soldados y con sus dos fabricas de pólvo-

(6) Bormann, op. cit. vol. I, pag. 94.

(7) Saldas — *Historias de la Confederación Argentina*, La Faculdad, Buenos Aires, 1911, vol. V.

ra..." O Brasil não queria tutelar ninguem, porém não podia consentir que Rosas continuasse a realização de seus planos, derramando rios de sangue generoso e nobre. E no dia em que duas provincias resolveram derribar o tirano, apoiou-as com toda a sua lealdade e com todas as suas forças.

Eis por que, à frente de dezeseis mil homens, o conde de Caxias surgiu na fronteira uruguaia, enquanto as milicias de Urquiza e Virasoro se punham em marcha. Depois de realizada a sua junção, o grande exercito aliado deveria libertar Montevidéo, avançando, em ação conjunta com a esquadra imperial, contra Buenos Aires. As quatro divisões do exercito brasileiro penetraram em territorio uruguaio comandadas por Bento Manoel Ribeiro, João Frederico Caldwell, José Fernandes dos Santos Pereira e David Canabarro. Os nomes dos seus comandantes de brigadas, ou já eram celebres, ou estavam destinados à gloria nas pugnas do porvir: Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, João Propicio Menna Barreto, José Joaquim de Andrade Neves, José Gomes Portinho, Francisco Pedro — o Moringue, barão de Jacuí, Demetrio Ribeiro. E os comandantes das unidades das tres armas estavam na maioria destinados a brilhante futuro na vida militar do Imperio: Osorio e Resín, Guilherme Xavier de Sousa e Coelho Kelly, Francisco Xavier Torres e Manuel de Oliveira Bueno, João Guilerme Bruce e Joaquim Gonçalves Fontes (8).

O exercito partiu de Cunha Pirú pelas coxilhas da Banda Oriental, alagadas e tristes. Rosas, que

(8) Santos Titára — *Memorias do Grande Exercito Aliado* e *Diario de Operações do Exercito Brasileiro na Campanha de* 1851-1852.

brigára com Oribe e o destituíra do comando, fez as pazes com ele em presença do perigo. E Urquiza, escreve Bormann — "que mostrára tanta indecisão e perplexidade a principio, movendo-se só depois da intimação do Brasil contida nas palavras — *com ele, sem ele, ou contra ele* ia entrar em campanha, tinha agora excessiva pressa de avistar Oribe, sem a presença dos aliados, e com forças inferiores às do adversario. Teria nisso algum fim oculto?" (9).

A verdade é que, impelido por aquela argentinidade que o ilustre sr. Eduardo de Urquiza, seu descendente, nele reconhece, não esperou o exercito imperial no Rio Negro, como estava combinado, mas avançou contra Oribe, arriscando-se embora a ser batido pela sua inferioridade numerica e falta de infantaria. Mas o Corta-Cabeças fingiu escaramuçar com o seu antigo amigo e a ele se rendeu, garantindo, assim, sua preciosa existencia...

Mal teve noticias da trama, o conde de Caxias entregou o comando do exercito a Bento Manoel e partiu para o acampamento de Urquiza acompanhado de Osorio, Miguel de Frias e o glorioso 2.º regimento de cavalaria que o primeiro comandava. Chegou tarde. Poupando o exercito de Oribe e seu proprio chefe, que seriam tomados entre dois fogos pelo exercito aliado e os bravos defensores da praça, Urquiza tinha aceitado a capitulação. Caxias mordeu os labios e guardou digno e altivo silencio.

Outros não guardaram. Domingos Sarmiento ouviu comentarios sobre a rendição dos ferozes sitiantes da Troia Americana que não chegaram ao

(9) Bormann, op. cit. vol. II, pag. 17.

conhecimento de Caxias. E a esses comentarios o general Urquiza replicou, com o seu reconhecido espirito de argentinidade, desta forma:

— "Por donde iba a consentir que los brasileros tuviesen parte en la rendición de orientales y argentinos?" (10).

(10) Sarmiento — *Campaña en el Ejercito Grande Aliado Libertador de sud America.*

A REPULSA DE GRENFELL

"...Urquiza desejava cobrir, não diremos com o seu manto, mas com o seu poncho protetor, o seu *amigo* e *afetuosissimo* servidor, don Manoel Oribe, cometendo uma deslealdade para com o Brasil."

(BORMANN — *"Rosas e o Exercito Aliado"*).

A capitulação aceita por D. Manoel Oribe, e firmada por ele e Urquiza, constava de sete pequenos artigos. O primeiro admitia que a resistencia dos cidadãos uruguaios à intervenção anglo-francesa fôra levada a efeito na suposição de que se defendia a independencia da Republica; o segundo afirmava que todos os membros dos varios partidos tinham os mesmos direitos e iguais serviços à patria; o terceiro reconhecia como divida nacional as despesas do exercito sitiante; o quarto mandava proceder, oportunamente e constitucionalmente, à eleição do congresso que deveria escolher o chefe da nação; o quinto declarava não haver vencidos nem vencedores; o sexto submetia às autoridades constituidas o general Oribe e os demais cidadãos; e, finalmente, o setimo estatuía: "Em conformidade com o que dispõe o artigo anterior, o general D. Manuel Oribe poderá dispôr livremente de sua pessoa." (1).

---

(1) Traduzida em português, a capitulação póde ser lida, na integra, nos documentos que acompanham a celebre obra de Santos Titára — *Memorias do Grande Exercito Aliado Libertador da Sul America* e em Bormann — *Rosas e o Exercito Aliado,* Rio de Janeiro, 1912-1913, vol. II. pags. 22 e 23. Em hespanhol, encontra-se em Eduardo de Urquiza — *Historia Numismatica de la Campaña Libertadora de Urquiza,* Buenos Aires, 1928, pags. 41 e 42.

Como se vê, a capitulação era uma verdadeira anistia para o Corta-Cabeças, não havendo nela nenhum dispositivo que propriamente acobertasse da sanha do vencedor os soldados e oficiais, tanto argentinos rosistas e uruguaios *blancos* como individuos de outras procedencias, que formavam o exercito sitiante de Montevidéo.

Os termos do documento estavam adréde preparados para que unicamente sobre Oribe recaísse a proteção do general entreriano. E este, conscio da perfidia entranhada naquela capitulação, esfregava as mãos de contente, piscava os olhos para os seus intimos e dizia:

— Enganei-os completamente (2).

Para melhor e cabal execução de seu plano de inutilizar as tropas de Oribe, que salvára no afan de resolver a situação sem a presença de Caxias, Urquiza precisava de um cumplice e de fazer tudo de maneira que o papel ingrato fôsse exercido por outrem e ele da traição tivesse somente os lucros. Queria agarrar todos os oribistas, não só para que não fossem engrossar as hostes de Rosas como para neles exercer sua instintiva vingança de caudilho.

Pareceu-lhe que o chefe da esquadra brasileira, o almirante Pascoe Grenfell, veterano da campanha da Independencia e das lutas navais do Rio da Prata, se prestaria a ser docil instrumento de sua "malicia proverbial". A simplicidade de maneira do herói do *Caboclo*, a azul ingenuidade do seu olhar de marujo, tudo fazia com que a velha raposa dos pam-

(2) Bormann, op. cit., pag. 26 e Sarmiento — *Campaña en el Ejercito Grande Aliado.*

pas estivesse certa de conseguir dele o que entendesse. E continuava a esfregar as mãos e a sussurrar aos intimos:

— Enganei-os completamente.

Cercou de atenções o lobo do mar e, na ocasião em que o julgou bem rendido ás suas amabilidades, depois de lauto almoço, quando o fumo cheiroso dos bons charutos espiralava no ar, tudo preparado para ficar a sós com o outro, lançou-lhe habilmente as rêdes.

— Consta-me, falou, manhosamente, que os oficiais e soldados oribistas pretendem pedir a V. Ex. para conduzi-los a Buenos Aires nos navios de guerra e transportes brasileiros, pois não ha outros meios de comunicação.

— An! grunhiu o marinheiro.

Urquiza aproximou mais o seu assento e continou, silvante:

— Acho que devo mandar-lhe esses hospedes, almirante. Posso?

O chefe da esquadra escancarou a bôca num riso franco:

— Pois não. Meus navios estão à sua inteira disposição, meu caro general.

O caudilho, então, ousou a proposta vilôa:

— Uma vez todos a bordo, almirante, afim de diminuir os embaraços e tropeços ao exercito do conde de Caxias, não deveis permitir que regressem a Buenos Aires e engrossem as fileiras do ditador.

E, piscando um olho:

— Como nenhum representante do Imperio assinou a capitulação, não sois obrigado a reconhecê-la. Em nome de vosso governo, considerai-os pri-

sioneiros de guerra e metei-os nos pontões e nas presigangas.

Grenfell ergueu-se afogueado. Todo ele tremia de indignação. E explodiu, a voz rouca como num dia de batalha:

— O senhor enganou-se redondamente, general Urquiza, eu não sou um chefe de piratas, porém o comandante duma esquadra e oficial duma marinha gloriosa, que jamais se mancharia com uma traição desta ordem! Porque o que o senhor me insinúa é uma traição infame que rebaixaria o Imperio do Brasil, em cujo serviço eu perdi um braço! Fique sabendo que, si o senhor mandar para bordo os oribistas, eu os transportarei a Buenos Aires sem que falte um só!

Varreu o caudilho com o seu largo olhar azul, deu-lhe as costas e saíu, arrebatadamente, a ponta da bainha da espada batendo em tudo... (3).

(3) Todo este episodio é confirmado pelos referidos autores.

A NOMEAÇÃO DE MARQUES DE SOUSA

"O brigadeiro Manoel Marques de Sousa, comandante da divisão, mostrou no dia dessa memoravel batalha muito tino e valor, dirigido o combate do centro da linha inimiga, sem duvida o ponto mais forte dela, prevenindo mesmo o ataque, quando viu que a ocasião era oportuna. Nossos batalhões manobraram como si estivessem em parada, e isso aterrou consideravelmente o inimigo. Eu recomendo a S. M. o Imperador este oficial general, que faz honra ao Exercito Brasileiro."

(Oficio de 12 de fevereiro de 1852, do conde de Caxias ao conselheiro Manoel Elizardo de Sousa e Mello, ministro e secretario de Estado dos Negocios da Guerra.)

A primeira divisão do exercito brasileiro, que, desde o começo da campanha contra Rosas, fôra comandada pelo general Bento Manoel Ribeiro, veterano da Cisplatina, foi a escolhida pelo comando em chefe para auxiliar a gaúchada de Urquiza que avançava do Diamante para Buenos Aires. Mas o seu chefe adoeceu gravemente e teve de retirar-se para o Brasil. Vago o alto cargo, todos os comandantes de brigada pretenderam ser nele providos. Caxias ouviu os seus pedidos, recebeu as informações e cartas que os recomendavam, e nomeou o brigadeiro Marques de Sousa, jovem oficial chegado recentemente do Rio Grande.

A escolha surpreendeu a todos. Houve murmurios no exercito. A inveja e o despeito afiaram as garras impiedosas. A tudo se atribuiu a preferencia do general em chefe, menos às causas verdadeiras: seu admiravel conhecimento dos homens e a brilhante fé de oficio do moço brigadeiro. Como houvesse alguns oficiais generais de origem estrangeira, o acto de Caxias tambem foi taxado de jacobinismo. Porque o marechal de campo Caldwell era inglês e perdera, como Grenfell, a serviço do

Imperio o braço esquerdo, Guilherme Bruce era sueco e o brigadeiro Fernandes era português naturalizado na Independencia (1).

Alem do mais, o futuro conde de Porto Alegre era um homem bonito e se vestia muito bem. Fardava-se admiravelmente. Trajava à paisana com elegancia. Culto e educado, frequentava os salões e cultivava a arte de donear. Naquele tempo, não se compreendia um general assim. Um general de verdade devia ser desalinhado e grosseiro. A palavra brutal, o gesto descortez. Enormes chilenas. Bombachas. Poncho. Sombreiro derramado. Espadagão arrastando. Sem isso, não existia bravura. Um general fino, uniformizado com apuro, sabendo cortejar as senhoras e sentar-se numa mesa, não era general, era um maricas...

Os comentarios chegaram aos ouvidos de Caxias e ele sorriu. O conde sabia o que fazia.

Mas o ministro Honorio Hermeto se deixou impressionar por esses e outros sussurros e, na primeira conversa intima que teve com o general em chefe, abordou o assunto. Foi dizendo o que pensava até que chegou a esta frase:

— Parece-me, conde, que o brigadeiro Marques de Sousa é um cavalheiro melhor talhado para marcar uma quadrilha do que um acampamento, para as batalhas de Venus do que para as de Marte...

O olhar de Caxias fusilou um segundo. Conteve-se, porém. Com toda a calma respondeu:

— Meu caro amigo, o senhor entende de tricas e não de militança. Meta-se lá com a sua diplomacia

(1) Siber — *Retrospeto da Guerra Contra Rosas*, tradução de Alfredo Carvalho, Porto. 1916, pags. 44 e 45.

e não se imiscúa onde não foi chamado. Eu sei o que faço. E o brigadeiro Marques de Sousa honrará o Brasil (2).

Carneiro Leão meteu a viola no saco.

A atuação de Porto Alegre em Monte Caseros honrou o Brasil. A sua coragem leonina no meio da refrega, vestido de grande gala como num dia de parada, suas ordens oportunas e sábias, seu sentimento de dignidade e sua altivez nos acontecimentos subsequentes, tudo o impôs à admiração do exercito. Os comentarios morreram por si, como um fogo que se apaga à falta de alimento.

E quando, depois da vitoria, Honorio Hermeto se avistou com Caxias em Buenos Aires, foi-lhe logo dizendo, a sorrir:

— Meu caro general, o brigadeiro é um grande homem. Dou as mãos à palmatoria.

E o conde:

— Não lhe disse, senhor diplomata, que não entendia patavina de militança (3)?

---

(2) Bormann — *Rosas* e o *Exercito Aliado, Rio de Janeiro,* 1913, vol. II, pags. 39 e 40.

(3) Nas suas linhas gerais, o episodio é confirmado por Bormann, op. cit.

A PASSAGEM DE TONELEROS

"Honor y gloria a los valientes y leales federales del ejercito de mi mando que disputaram hoy, en las barrancas de Acevedo, á mis immediatas órdenes, con admirable denuedo, el paso de nuestro magestoso Paraná a cuatro vapores, dos corbetas y un brigue de nuestro vil y cobarde enemigo, el gobierno del Brasil, amo del loco, traidor, salvaje unitario Urquiza..."

(Parte de combate do general Mansilla).

A esquadra brasileira comandada pelo almirante Grenfell aproximou-se, no dia 17 de dezembro de 1851, das barrancas de Acevedo, à margem direita do Paraná, entre Obligado, que, anos antes, fôra funesto às frotas expedicionarias da França e da Inglaterra, e Ramalho, no perigoso e angusto passo de Toneleros, onde a esperavam os canhões e fusis de Lucio Mansilla, cunhado do tirano Rosas.

Eram quatro corvetas a vapor — *D. Affonso* (1), *D. Pedro II, D. Pedro e Recife* — que rebocavam duas corvetas a vela — *D. Francisca* e *União*, e um brigue — *Calliope*. O bravo veterano da Independencia, no mar, o chefe Parker, comandava a divisão de madeira e véla. Cada um dos barcos em que tremulava a insignia imperial tinha como capitão um herói. Vale a pena recordar-lhes os nomes: Jesuino de Lamego Costa, Rodrigo De Lamare, Lomba, Alvim, Paixão, Vieira da Rocha.

Vinham a bordo da capitánea de Grenfell, do *D. Affonso*, o brigadeiro Marques de Sousa, comandante da divisão brasileira, que ia operar com Urquiza contra Buenos Aires, e seu estado maior, va-

(1) A figura de prôa desse navio historico, que, antes de ser capitánea de Grenfell em 1851, sob o comando de Lamego Costa, foi comandado pelo grande Tamandaré, em 1842, acha-se custodiada entre as reliquias do Museu Historico Nacional.

rios argentinos de valor como o coronel Paunero, e os tenentes coroneis D. Bartholomeu Mitre e D. Domingos Sarmiento, cujas dragonas tinham brotado sobre seus hombros ao sôpro do *Fiat* do poderoso governador de Entre-Rios (2). Na praça da Colonia do Sacramento, onde estava Caxias com o grosso do exercito imperial, pronto a investir a capital argentina, si o ataque dos Santos Logares não tivesse exito, embarcára naquela manhã a primeira brigada da divisão auxiliadora, do comando de Francisco Felix Pereira Pinto. Depois da esquadra forçar aquela passagem a primeira vez, deveria voltar a força-la a segunda, afim de receber a outra brigada.

Mal os nossos navios defrontaram o alcantil de Toneleros, o almirante mandou preparar tudo para o combate. Entrincheiraram-se atiradores nas gáveas e amuradas, fez-se descer para os porões a força expedicionaria, afim de que não ficasse exposta inutilmente ao fogo, nem atravancasse os convézes, protegeram-se as cavalhadas e o material de trem e artilharia de campanha. Sobre o passadiço do *D. Affonso,* o futuro conde de Porto Alegre ficou ao lado de Grenfell, com seu estado maior. O velho marinheiro, que perdera um braço a bordo do *Cabôclo* na campanha naval do Rio da Prata, imperturbavel, não tirava o caximbo da bôca sinão para

---

(2) "...teniente coronel por el *fiat* de Urquiza, pero que puso el sello a sus diplomas en el Tonelero, y en Caseros..." Carta de Sarmiento a Mitre, datada de 1.º de outubro de 1852, in Luis Alberto de Herrera — *La Diplomacia Oriental en el Paraguay,* Montevidéo, 1919, vol. III, pag. 56.

dar ordens e, com o oculo (3), examinava a alta barranca para a qual sua frota, de chaminés fumegando, avançava rio acima. Marques de Sousa, ainda bem moço, era uma figura elegante e varonil. Bem posto no seu uniforme de gala, as véneras reluzindo, cintura delgada, peito saliente, conversava animadamente com os argentinos, que tambem tinham subido à ponte de comando.

À distancia de tiro de espingarda, as baterias de Mansilla romperam o fogo. Dezeseis peças de grosso calibre lançaram no espaço de quasi uma hora, que tanto durou a passagem, quatrocentos e cincoenta projeteis sobre a nossa esquadra, sem conseguir deter-lhe a marcha e causando unicamente a bordo o prejuizo de alguns cabos partidos, de algumas obras-mortas ligeiramente danificadas, de quatro marujos mortos e de cinco feridos. Era pessima a pontaria argentina. A nossa tambem não lhes pôde prejudicar muito, por causa da elevação do barranco, mas lhes matou oito homens e feriu uns vinte.

Era, entretanto, belo o espetaculo (4). O sol alto, pois passava pouco de meio dia, dourava as aguas enrugadas do rio. Ao sôpro da brisa, as bandeiras do Imperio e da Argentina, que os tres oficiais superiores representavam a bordo, tremulavam unidas nos topes dos mastros. De quando a quando, clarões rapidos corriam pelas vegetações da mar-

---

(3) Esse oculo tambem se encontra nas coleções do Museu Historico Nacional.

(4) O grande pintor do almirantado inglês Eduardo De Martino fixou numa tela admiravel esse feito de armas. O referido quadro se acha no citado Museu.

gem alcantilada. Seguia-se-lhes o ribombar da grossa artilharia. E as granadas rebentavam na tolda dos barcos ou as balas rasas espadanavam aguas em derredor dos cascos negros que cortavam a correnteza bigodeados de espumas. Tambem nestes fusilava a espaços o raio e estrondava o canhão. As balas ardentes descreviam a sua parabola silvante e iam rebentar com fragor sobre a bateria, onde se agitava no ar o pendão de Rosas com seus enfeites rubros.

"A esquadra — diz Rio Branco — levou as tropas até a ponta do Diamante e parte dela voltou a buscar a segunda brigada na praça da Colonia, porém não teve mais necessidade de forçar a passagem, porque "Mansilla, acreditando que ia haver desembarque, abandonou as suas peças e retirou-se precipitadamente para o interior" (5).

Pouco antes do tiroteio com as baterias de Toneleros, logo que subiram ao passadiço da capitánea, enquanto Paunero trocava algumas frases com Marques de Sousa e Grenfell dava suas ordens de combate, Mitre e Sarmiento, juntos, ficaram muito tempo a olhar na direção de Buenos Aires. Sob o flamejar da luz ardente daquela hora, as verdes campinas resplandeciam como um tapiz de esmeraldas. Ao longe, uns reflexos brancos de torres ou de monumentos.

---

(5) Para todas as minucias contidas nesta descrição, vêr Rio Branco — *Efemerides Brasileiras*, edição do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1918, pags. 594 e 595; Bormann — *Rosas e o Exercito Aliado*, tip. Leuzinger, Rio de Janeiro, 1913, vol. II, pags. 43 a 47; e Eduardo de Urquiza — *Historia Numismatica de la Campaña Libertadora de Urquiza* — Buenos Aires 1928, pags. 47 e 48.

— Buenos Aires! suspirou Mitre.

— Ali está Rosas, acrescentou Sarmiento.

— Quem virá depois de Rosas? indagou o primeiro em voz baixa, como si falasse consigo mesmo.

— Eu! disse Sarmiento.

E Mitre, rápido, voltando-se para ele:

— Não. Depois de Rosas, eu. Agora, depois de mim, Você, si nos entendermos... (6).

---

(6) — "Vé Ud. aquéllo? Alli está Rosas, Después de Rosas, yo.

A lo que Miltre se apresuró a responder:

— No. Después de Rosas, yo. Después de mi, vendrá Ud... si nos entendemos". David Peña — Prologo à obra de Ramos Mejia, *Rosas y su Tiempo*, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pag. XV.

A BATALHA DOS SANTOS LOGARES

"La victoria de Monte Caseros por si toda no coloca a la Republica Argentina en posesión de cuanto necessita. Ella viene a ponerla en el camino de su organización y progresso, bajo cujo aspecto considerada, esa victoria es un evento tan grande como la revolución de Mayo, que destruyó el gobierno español).

(ALBERDI — *"Bases y puntos de partida para la organización politica de la Republica Argentina"*).

Ao raiar o dia 3 de fevereiro de 1852, o Exército Aliado Libertador viu-se em frente das tropas vermelhas de Rosas, que ocupavam, como o diz Titára, testemunha presencial dos acontecimentos, uma posição eminentemente vantajosa. Eram perto de sessenta mil homens que se defrontavam para uma luta decisiva. O ditador de Buenos Aires comandava quinze mil de cavalaria, dez mil infantes e mil artilheiros com sessenta bôcas de fogo e tres estativas de foguetes à Congréve. Contrapunham-se-lhes vinte mil corrientinos e entrerianos, na maioria de a cavalo, quatro mil brasileiros escolhidos e mil e setecentos uruguaios com cincoenta canhões (1).

Até ali, os libertadores não tinham encontrado impecilho serio desde a passagem do Paraná. Na

---

(1) Estes efetivos são os que constam das *Efemerides Brasileiras* do Barão do Rio Branco. Preferimo-los pela confiança que nos merece sempre a conscienciosa documentação do grande brasileiro. Bormann dá a Rosas 56 canhões, 9 mil infantes, 14 mil cavalarianos e mil artilheiros, acrescentando que Mansilla tinha em Buenos Aires 5.700 homens de guarnição (*Rosas e o Exercito Aliado,* Rio de Janeiro, 1912, 1913, vol.II, pag. 110). Saldias, na *Historia de la Confederación Argentina,* La Faculdad, Buenos Aires, 1911, vol. V, pag. 296, afirma que Rosas tinha 60 peças, 12 mil homens de cavalaria e 10 mil de infantaria. No mesmo volume, pag. 297, dá aos aliados 24 mil soldados e 50 bôcas de fogo. Aliás, as divergencias são minimas.

vespera, depois dos tiroteios de algumas guerrilhas, o general Pacheco, que comandava a vanguarda rosista, abandonára a excelente posição defensiva da Ponte de Márquez, mandando ridiculamente dizer ao seu chefe que receiava ser surpreendido, e nem a ele foi apresentar-se: refugiou-se na chácara proxima de D. Jorge Witt, de onde não mais saíu (2). E por isso o inimigo estava na noite de 2 para 3 de favereiro a legua e meia do quartel general do tirano, sem ser incomodado.

Nessa noite mesma, reuniram-se os tenentes de Rosas em conselho: o general Pinedo, os coroneis Chilavert, Pedro Diaz, Lagos, Jeronymo Costa, Sosa, Bustos, Hernández, Cortina e Maza. Era tão grande seu desanimo que falaram em patuar com Urquiza e os brasileiro. Somente o decôro em face dos estrangeiros que invadiam sua patria os deteve ante essa resolução. D. Juan Manuel soube do que haviam discutido e não se sentiu bastante forte para puni-los. Declarou-lhes somente que seu dever o obrigava a, no dia seguinte, aceitar a batalha e dirigi-la; mas, si os chefes se recusassem a apoia-lo, renunciaria ao poder. Então, a eloquencia do valente Chilavert, dizendo que a honra os forçava a combater e que Rosas vencedor tinha a obrigação de organizar constitucionalmente o país, e, vencido, a de nada suplicar ao inimigo, decidiu a maioria a optar pela luta (3). Assim, antes da ação, já se enfraquecêra a tirania sangrenta. Estava às portas da morte. Foi nessa ocasião que o despota pronunciou a celebre frase:

---

(2) Saldias, op. cit. vol. V, pags. 287 e 288.

(3) Idem, pag. 291.

— "Nosso verdadeiro inimigo é o Imperio, porque é Imperio!" (4).

Chilavert traçou o plano da batalha.

Pela manhã, as tropas tomaram suas posições, Rosas modificou, após ter percorrido todo o terreno, o que o seu comandante da artilharia projetára e o exercito ocupou extensa linha em angulo obtuso com o arroio Morón, desde a quinta de Caseros até o acampamento dos Santos Logares, pequena cidade industrial com arsenais, oficinas e depositos de petrechos belicos (5). A direita, às ordens de Pinedo, composta de tres batalhões de infantaria, dos regimentos de cavaleria de Santa Coloma e Belvis, com os canhões de Maza em bateria por trás de parapeitos, de fóssos e de palissadas, apoiava-se em Caseros e nas famosas casas de sotéa, pejadas de atiradores de escól. No centro, a maior resistencia: casas e trincheiras, o pombal da herdade transformado em fortaleza, a divisão de cavalaria de Vidéla, oito batalhões de infantes, intervalados pelas trinta peças de calibre 12, 8 e 4 de Hernández, Costa e Chilavert. À esquerda os tres batalhões a pé de Pedro Diaz e as tres divisões a cavalo de Lagos. Em reserva, as duas divisões de cavaleiros de Bustos e Sosa (6).

Mas essa gente não tinha entusiasmo pela ingrata causa que tentava defender e o seu general, sem estado maior, sem tecnicos, não sabia aproveitar as inegaveis vantagens dum terreno propicio.

---

(4) Idem, pag. 292.

(5) Idem, pag. 296. Ramos Mejia, op. cit. vol. III, pag. 16. Nos depositos dos Santos Logares encontraram-se grande copia de correame, munições e 5 mil fusis. Idem, pag. 151.

(6) Idem, idem.

O seu exercito, na maioria, era um "exercito de presa, sem patria e sem lei", composto pela escória da provincia de Buenos Aires e de seus arredores (7). Não havia unidade na sua formação e as tropas verdadeiramente veteranas atingiam a pouco mais de dois mil homens. Ali estavam os regimentos de Santa Coloma e dos Patricios de Buenos Aires, compostos de mulatos e negros, os Caçadores da Liberdade, os Restauradores com seu tambor-mór de gestos regrados por uma ordenança especial, o 4.º batalhão organizado com os remanescentes dos ex-Libertos de Buenos Aires recrutados pelos manejos dos antigos *tasadores* militares de escravos, os hussardos agaloados, os couraceiros com coletes de couro cabeludo curtido ao sereno e rijo como aço, os dragões indios e mestiços, o batalhão *Nueva Creación* disciplinado pelo celebre major Vicente Torcida, o 3.º oficial das tropas reais espanholas, os caçadores de Rolón, os batalhões de Marinha, Liberdade, Independencia, Livres e Rebaixados; enfim, as desconexas milicias de Lujon, de Chivilcoy, e de Dolores e Monsalvo, nas fronteiras do sul (8).

Entretanto, essa numerosa gente não tinha direção tatica e estrategica. Faltava ao grande corpo a cabeça pensante e dirigente. Rosas — diz Mejia

---

(7) Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. III, pags. 156 e 157, e *Circular Reservadisima del Ministerio de Guerra y Marina*, datada de 14 de janeiro de 1830, na qual Rosas já mandava recrutar para a tropa "hombres prejudiciales por su conducta".

(8) Ramos Mejie, op. cit. vol. I, pag. 253, vol. III, pags. 160, 161, 177 e 182; Arturo Capdevila — *Las Visperas de Caseros*, Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pag. 182; Saldias, op. cit. vol. IV, pag. 352.

— "procurára sempre seu general sem encontra-lo" (9). Sua estrategia era à gaúchada, a das boiadas que se guiam sem estourar e se conduzem a um ponto determinado com habilidade e gritos (10). Ele fôra miguelete na juventude e com esses voluntarios bárbaros é que aprendera militança (11). Não nascêra para combates serios (12).

O Grande Exercito Aliado Libertador ocupou a lomba fronteira a Caseros e os Santos Logares. Formavam-lhe a esquerda quatro batalhões de infantaria oriental e um esquadrão de artilharia ligeira, ao comando do bravo coronel Cesar Diaz. — O centro — posição de maior responsabilidade, pois devia atacar e romper a mais forte situação do inimigo, que era tambem o centro — fôra posto sob a chefia do brigadeiro Manoel Marques de Sousa. Compunham-no a divisão imperial, desfalcada do regimento de Osorio, com suas duas brigadas de caçadores a pé e sua excelente artilharia a cavalo. Auxiliavam-na os batalhões de infantes de Entre Rios e Santa Fé, com um esquadrão de artilheiros. A direita estava a cargo do proprio Urquiza, que comandava diretamente as infantarias entrerianas e corrientinas de Galán, as artilharias de Pirán e Mitre, as cavalarias de Osorio, La Madrid, Medina, Galorga e Ávalos. Constituiam a reserva, sob o comando de López e Urdinarrain, duas divisões montadas (13).

---

(9) Ramos Mejia, op. cit. vol. III, pag. 197.

(10) Idem, vol. I, pag. 113.

(11) Saldias, op. cit. vol. I, pag. 13 e vol. II, pag. 13.

(12) General Paz — *Memorias.*

(13) Saldias, op. cit. vol. V, pag. 297.

Urquiza não era melhor general que Rosas. Numa carta a Saldias, Mitre refere-se à ação de Monte Caseros, reputa-se uma batalha final, logica, necessaria e fecunda: canhonheio preliminar, carga de cavalaria sobre uma ala, ataque das tres armas contra o centro e a outra ala, carga de Osorio "no vacuo" pela fuga do inimigo. Mas nela D. Justo esqueceu seu papel de comandante em chefe e tambem não teve estado maior que o substituisse. Carregou à direita, violentamente, como bom gaúcho, e não mandou ordens aos seus imediatos, deixando em inação muito tempo mais da metale do exercito — quatorze mil homens! Tanto que se reuniu no proprio campo um conselho espontaneo composto de Marques de Sousa, Pirán, Galán, Sarmiento e o proprio Mitre, o qual resolveu o avanço sobre o centro rosista, fazendo o coronel Chenaut dar, em nome de Urquiza, ordem a outros comandantes para que secundassem o seu movimento (14).

Na sua parte de combate ao conde de Caxias, o general brasileiro assinala a demora em hostilizar o centro do adversario, declarando ter feito uma ponderação a proposito ao general Virasoro e resolvido tomar por si as deliberações necessarias.

Entre seis e sete da manhã, iniciou-se a luta com violento fogo de artilharia dos dois lados. Chilavert diz que Rosas passou a cavalo pelas suas tropas, entre aclamações, dizendo-lhe rapidamente:

— "Dou-lhe a honra de romper o fogo em primeiro lugar contra os imperiais!" (15).

---

(14) Carta de D. Bartolomeu Mitre a Adolfo Saldias, na Introdução da *Historia de la Confederación Argentina*, edição La Faculdad, Aires, 1911, vol. I, pags. XX, XXI, etc.

(15) Saldias, op. cit. vol. V, pag. 257.

Conta o futuro conde de Porto Alegre que Urquiza galopou pela testa de suas colunas, vivando o Brasil e o Imperador.

Máu grado as descargas de bala rasa e de metralha, as cavalarias de Urquiza carregaram galhardamente a esquerda rosista e a pugna começou. A divisão de Lagos sustentou bem o choque da carga. Mas os cavaleiros de López avançaram em apoio do general em chefe e Lagos recuou, desfeito. Enquanto essas divisões se entrechocavam, a artilharia e a fusilaria dos parapeitos e casas fortificadas cobriam o campo de pelouros e balas. A infantaria rosina de Mathias Rivero desenvolvia sua linha de atiradores, causando grande mal aos aliados. Cesar Diaz, no outro extremo da fila, era quasi detido no seu avanço pelos canhões adversos. Os infantes de Galán estavam imoveis. Foi quando Marques de Sousa tomou as providencias que decidiriam a ação. A sua parte oficial deixa claramente lêr isso nas entrelinhas, embora o tom impessoal, a concisão e a discreção com que narra os fatos.

Urquiza pretendeu envolver em silencio a brilhante atuação da divisão imperial. Cesar Diaz procurou tambem diminuir o valor decisivo da cooperação brasileira. Saldias e outros rezam pela mesma cartilha. Mas foi a formidavel infantaria do Imperio, sustentada pelo fogo das peças de Gonçalves Fontes, que tomou a baioneta a artilharia parapeitada de Chilavert e as terriveis casas de sotéa, rompendo completamente a linha contraria. Na citada parte, Marques de Sousa lamenta ter o general em chefe levado para a direita o regimento de Osorio, que, aliás, ali deu a mais brilhante e decisiva carga, porque ficára sem cavalaria para perseguir o inimigo em franca derrota.

Esses mesmos que pretenderam empanar o arrojo de nossos soldados insensivelmente se contradizem. Saldias, depois de afirmar que os imperiais não saíram do lugar, diz que um batalhão brasileiro cercou o hospital de sangue dos rosinos, que ficava na retaguarda (16). Como chegou lá sem romper as linhas de fogo? E Cesar Diaz afirma, nas suas *Memorias*, que ao penetrar nas casas de sotéa o fez passando sobre cadaveres dos caçadores do Imperio, o que demonstra que esses ali tinham estado antes dele...

A aliança do Brasil, decisiva na campanha contra Rosas, repugnava no fundo, pelo velho espirito de rivalidade do Prata, aos pro-homens do movimento. Compactuavam por não poderem prescindir dela. Urquiza, no fundo, não suportava o Brasil (17). Ele reconhecia, durante a invasão, que Rosas era popular e lamentava não ter continuado a ser seu aliado, em vez de combatê-lo (18). Declarou isso muitas vezes em conversa (19).

Cerca de onze horas da manhã, a ala esquerda de Rosas estava destroçada e os cavalarianos de Osorio carregavam no vasio... A infantaria de Marques de Sousa rompia o centro. E por toda a extensa linha de batalha silenciava a artilharia. Rosas compreendeu que estava definitivamente derrotado. Porém ainda se apegou a uma esperança de

---

(16) Idem, pag. 300.

(17) Herrera — *Buenos Aires. Urquiza y el Uruguay*, pag. 315.

(18) Cesar Diaz — *Memorias*, pag. 269.

(19) Leopoldo Lugones — *Historia de Sarmiento*, pag. 106.

resistencia. Ordenou a Bustos que carregasse, flanqueando os atacantes, afim de fazer uma diversão. A carga não teve resultado. Chilavert, que resistira ao uruguaios, cedeu ao empuxe dos brasileiros e retirou em desordem (20).

O combate prosseguiu enfraquecido por mais algum tempo, enquanto houve fusileiros encarapitados nas casas de sotéa. Elas caíram em poder dos imperiais uma a uma. Os ultimos esquadrões de Sosa fôram envolvidos. E seriam mais ou menos duas horas da tarde, quando, vendo somente dispersos e fugitivos do seu exercito, Rosas, levemente ferido no polegar, resolveu abandonar o campo da sua fragorosa derrota.

Protegido por alguns atiradores, que detinham a cavalaria entreriana, fugiu a toda carreira de seu otimo cavalo pelo caminho de Matanzas. De todo o seu brilhante cortejo de oficiais somente lhe restava Lorenzo López, o ordenança fiel. Dirigiu-se a Buenos Aires. Entrou pela rua Sola, amedrontado. E foi apear-se tristemente sob as frondosas arvores do Hueco de los Sauces (21). Sobre o joelho, num farrapo de papel, escreveu rapidamente a lapis sua renuncia ao cargo de governador, dirigida à Sala dos Representantes. Vestiu o poncho do dedicado ordenança e pôs à cabeça o seu gorro, afim de não ser reconhecido. Mandou-o entregar o documento e buscar Manuelita. Tornou a montar e rumou para a legação da Inglaterra, onde pediu asilo.

---

(20) Saldias, op. cit. vol. V, pag. 302.

(21) Hoje praça 20 de Novembro.

(22) Saldias, op. cit. vol. V, pag. 305.

À meia noite, saía daquele refugiu, todo vestido de preto, pelo braço do residente britanico, Roberto Gore. Um secretario da legação dava o braço a Manuelita. Marinheiros ingleses da estação naval do Prata cercavam-nos sob as ordens de alguns oficiais de marinha. Um escaler levou-os tristes e solitarios, cortando as aguas negras, que aqui e ali os fanáis dos barcos e do porto avermelhavam, para bordo do *Centaur*.

Quatro dias depois, D. Juan Manuel e sua filha eram transladados para o *Conflict*, que os levaria a Southampton.

Assim terminou num dia a mais ensanguentada tirania da America.

A BANDEIRA ROSINA

"Eram cinco horas da manhã do referido dia 3 de fevereiro, quando se descobriu o inimigo assomado no alto da coxilha e ponto denominado — *Chacara de Caceros,* duas milhas ao norte da povoação de Morón, posição aquela eminentemente militar, e vantajosa..."

(SANTOS TITARA — *"Memorias do grande exercito aliado libertador da Sul America"*).

Ao amanhecer o dia, quando o xercito aliado se estava preparando para a batalha, o 2.º regimento de cavalaria brasileira comandado por Osorio formava o extremo da direita da extensa linha de combate. Destacado por Urquiza da divisão de Marques de Sousa, fôra incorporado à divisão do general La Madrid que devia atacar as tropas de Buenos Aires pela esquerda. E o sol nascente iluminou os seus clavineiros estendidos em atiradores, sob o comando do capitão Dámaso dos Reis, procurando flanquear o inimigo.

À distancia, sobre a coxilha de Caseros, a luz do dia faiscava nas armas da dilatada linha dos rosistas, cuja formidavel artilharia começava a se fazer ouvir. O ribombo dos canhões ecoava aò longe. A mosquetaria crepitava. Os clarins uivavam agudamente. E no ar tremulavam as bandeiras federais no viso dominador da eminencia (1).

---

(1) Todos os pormenores do episodio tão tomados das partes oficiais do brigadeiro Marques de Sousa e do tenente coronel Manoel Luis Osorio.

Uma delas agitava-se triunfal sobre as baterias da esquerda inimiga, de onde vinham, terriveis e ziguezagueantes, os foguetes de guerra duma estativa Congréve. Um dos clavineiros do regimento de vez em quando a olhava com um sorriso brejeiro e dizia ao companheiro mais proximo, socando a vareta no cano da arma:

— Barbaridade! Eu hoje tomo aquela bandeira!

Os atiradores avançavam, para o inimigo, protegendo-se com as anfratuosidades do terreno. Depois, os lanceiros vieram atrás deles, trazendo-lhes os cavalos. Montam. Todo o regimento se estende em linha para carregar. A espada invencivel de Osorio rebrilha no espaço e a gaúchada abala a galope, fazendo estremecer o chão. As guarnições das peças abandonam-nas vergonhosamente e fogem, tomadas de panico, em todas as direções. Os brasileiros lanceiam e sabreiam os poucos que resistem, perseguem e aprisionam os debandados. Reconhecendo a fuga, foi uma carga no vácuo, diz um historiador argentino. A voz de Osorio domina o combate:

— Não matem! Não matem!

Das casas de sotéa, cheias de atiradores, as balas chovem sobre os bravos do 2.º regimento. Cáem mortos os tenentes Francisco Monteiro e Norberto Rosado. E, quando ele reforma os seus esquadrões vitoriosos, Urquiza aparece-lhe de poncho e car-

tola, brandindo a lança. Avista entre os que se haviam rendido o coronel Santa Coloma, um dos peores verdugo ao serviço de Rosas, cuja especialidade era degolar suas vitimas pela nuca. Avista-o. Os olhos se lhe injetam de sangue e ele ordena a dois soldados do piquete de escolta do general La Madrid:

— Degolem aquele sujeito pela nuca! (2).

Durante a perseguição dos artilheiros e dos infantes que os protegiam, o soldado do 2.º regimento a quem já nos referimos não perdeu de vista a bandeira cobiçada. Abriu a sabre o seu caminho por entre os inimigos e conseguiu alcançar os que a levavam. Eram tres. Deram-lhe uma descarga que lhe abateu o cavalo. A pé, derrubou um a tiro de pistola e feriu o segundo a arma branca, tomando-lhe o pavilhão argentino. O terceiro fugiu. O gaúcho apanhou no campo um cavalo sem dono e formou na fileira do seu esquadrão.

Osorio passava rapidamente em revista as presas do combate: 80 prisioneiros, muitos cavalos e carretas, canhões e armamentos, a carruagem de Santa Coloma. De repente, seu olhar depara o cavalariano com a insignia argentina.

---

(2) Bormann — *Rosas e o Exercito Aliado*, Rio de Janeiro, 1912 e 1913, vol. I, pag. 95.

— Que é isso? pergunta.

— E' uma bandeira dos gringos que eu tomei, senhor comandante.

E o gaúcho desfralda o estandarte rosino. As suas raias azues escuras, quasi negras, separadas por uma risca branca, tremulam, mostrando aos cantos quatro vermelhos barretes frigios que parecem quatro manchas de sangue (3).

Osorio estendeu-lhe a mão leal, que o soldado aperta, os olhos rasos de agua. E diz-lhe:

— Enrole a bandeira e entregue-a ao quartel mestre. Dê-lhe tambem o seu nome.

A historia, felizmente, não esqueceu o apelido do herói. No seu oficio de 12 de fevereiro ao governo imperial, o conde de Caxias diz, textualmente: "Pelo capitão Ernesto Antonio Lassance Cunha, envio a V. Ex. uma bandeira tomada ao inimigo no campo da batalha por um soldado do 2.º regimento de cavalaria ligeira, ao qual mandei dar duzentos mil reis de gratificação e tres meses de licen-

---

(3) "Como se sabe, la bandera de Rosas no era la *Nacional Argentina*, sancionada por la memorable Asembléa (de Tucuman). Sus colores azul obscuro, casi negro, ostentaban en sus cuatro puntas un gorro frigio colorado." Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pag. 144, nota.

ça com soldo, para gosa-la na provincia do Rio Grande do Sul de onde é natural". Não lhe citou o nome (4). Ele consta, todavia, da parte do bravo Osorio a Caxias. Chamava-se simplesmente José Martins (5).

---

(4) O governo imperial restituiu mais tarde esse troféu à nação argentina. Afirma-o Rio Branco — *Efemerides Brasileiras*, data de 18 de Fevereiro, pag. 62.

(5) Fernando Osorio — *Historia do General Osorio*, Leuzinger, Rio de Janeiro, 1894, vol. I, pag. 523.

O VENCEDOR DE CASEROS

"...el centro arrojaba con *inaudita bravura* de sus posiciones al salvaje tirano y sus ordas de esclavos..."

(Parte do general *La Madrid a Urquiza*).

Escrevendo na revista portenha *Criterio*, o romancista argentino Manuel Gálvez assim se refere a um topico de Jourdan: "...que le llama a Porta-Alegre, por haber combatido contra Rosas junto a Urquiza... el vencedor de Caseros!" (1).

A gracinha não tem ao menos o merito da originalidade. Ela está numa notinha em tipo miudo, em baixo da pagina 159 do 3.º volume da *Guerra del Paraguay* de Beverina (2): "...Jourdan aplica *modestamente* al barón de Porto-Alegre el titulo de *vencedor da batalha de Caseros* (!?)".

Pois bem, apesar das ironias de Beverina e Gálvez, nós estamos no Brasil na dôce ilusão de que a divisão brasileira de Manoel Marques de Sousa foi quem decidiu em verdade a batalha de Caseros.

---

(1) Manuel Gálvez — *Rencillas Fraternales — "Criterio"*, Buenos Aires, Junho, 1929.

(2) Teniente-cornel Juan Beverina — *Guerra del Paraguay*, edição Ferrari, Buenos Aires, 1921.

Mesmo, porém, que o seu papel não tivesse sido o principal, Porto Alegre fôra um dos vencedores da pugna e poderia ser chamado por Jourdan vencedor, sem exagero, como o foi. Sabemos perfeitamente que, não tendo nunca um general argentino derrotado as nossas tropas nos suburbios do Rio de Janeiro e neste com elas desfilado triunfalmente, bandeiras desfraldadas, musicas tocando, embora ao lado de revolucionarios nossos, não é nada agradavel aos nossos amabilissimos vizinhos que Porto Alegre tenha conseguido essas duas glorias.

Eis como se explica que um espirito cultissimo como Ramos Mejia tenha parado a sua magistral obra *Rosas y su tiempo* justamente quando se ia levantar o pano para a entrada dos brasileiros; que Saldias, panegirista do tirano, na *Historia de la Confederación Argentina,* no esboço que traça da batalha, marque o movimento da divisão brasileira como se ela tivesse avançado até meio caminho das linhas inimigas e retrocedido à sua posição anterior sem dar um tiro; e que Gálvez desenterre das notas de Beverina a pilheria...

Na sua parte da batalha de Caseros (3), o proprio Urquiza declara: "El centro medio de nuestra linea, dispuesto para una resistencia tenaz, era man-

---

(3) Eduardo de Urquiza — *Historia Numismatica de la Campaña Libertadora de Urquiza,* Buenos Aires, 1928, pag. 65.

dado por el brigadier del Imperio, jefe de la Division Brasilera, don Manuel Marques de Sousa..." Mais adiante (4): "...dispuse el ataque general, ordenando a la división de caballeria del coronel Urdinarrain se corriese al frente de nuestra izquierda a desbordar la derecha del enemigo, al mismo tiempo que la división oriental, apoyada por dos batallones del Ejercito Brasilero y descabezando un obstáculo, atravesaba los pantanos del centro de la Cañada intermediaria entre ambas lineas, bajo el amparo de los fuegos de las baterias del centro (5), que adelantaban para traer sobre si la atención de las baterias enemigas, a fin de tomar posiciones en columnas de ataque, formando ángulo recto sobre la derecha del enemigo, amenazando su retaguardia y dando frente a las fortificaciones de carretas que las defendiam". E, por fim: "Envuelta la derecha enemiga y asaltada a la bayoneta por las fuerzas orientales y brasileras, *al mismo tiempo que nuestro centro se aproximaba a su line* (6), la derrota no tardó en pronunciarse, no obstante la resistencia tenaz de las baterias y batallones atrincherados en la cusa de Monte Caseros, y el incendio del campo de ese lado, y en el frente que tenia que re-

(4) Idem, pag. 66.

(5) Artilharia a cavalo brasileira do major J. J. Gonçalves Fortes.

(6) O grifo é nosso.

correr *nuestro centro* (7), en su avance sobre el enemigo".

O argentinismo de Urquiza é conhecidissimo. Sua má vontade para conosco, proverbial. Seu descendente, Eduardo de Urquiza, autor da *Historia Numismatica,* citada, confessa isso claramente no seu livro (7). Pois bem, apesar do seu argentinismo, a parte do caudilho entreriano é o melhor testemunho da atuação decisiva dos brasileiros em Caseros. Ela declara que o centro — *disposto para tenaz resistencia* — era composto pela divisão de Marques de Sousa e que *dois batalhões nossos* (uma brigada), apoiaram a divisão oriental. Com estes dados, analisemos a parte em questão. Segundo ela dizia, a derrota, após as eternas cargas de cavalaria nas alas, tatica conhecidissima de Urquiza que Beverina critica admiravelmente, só se pronunciou depois que as posições da direita inimiga foram assaltadas e envolvidas por orientais e brasileiros, ao mesmo tempo que *nuestro centro,* isto é, a divisão imperial de Porto Alegre, pronunciava o seu ataque. Ora, o centro era a parte mais forte do inimigo: *la resistencia tenaz de las baterias y batallones atrincherados... el incendio del campo.* Quem superou todos esses obstaculos, *en su avance sobre el enemigo,* depois do que se pronunciou a derrota? *Nuestro cen-*

(7) Idem.

tro, declara Urquiza. Portanto, é bastante substituir em todos os lugares da parte onde o *argentinismo* de Urquiza pôs *nuestro centro* estas palavras pelas que lhe correspondem: a divisão brasileira, e veremos que foi ela que *de verdade* venceu em Caseros.

A parte de Porto Alegre ao conde de Caxias combina nas suas linhas gerais com a de Urquiza, o que comprova a veracidade dos fatos nelas narrados. Nesse documento comedido e modesto, o general brasileiro pinta a posição do centro inimigo tal qual a descreve Urquiza: "...senhor de duas casas de sotéa, onde entrincheirou 3 batalhões de infantaria, tendo além disto a sua direita apoiada por um forte banhado. Não obstante esta superioridade, o exercito tomou a formatura conveniente, ocupando as forças de meu comando o *centro* da linha de batalha". Um pouco mais longe declara: "... ordenou-me que atacasse o centro da linha inimiga logo que sentisse os movimentos da infantaria que ficava à minha direita ao mando do coronel Galán, devendo a divisão oriental carregar sobre o flanco direito" (8). E Marques de Sousa prossegue: "Dispuz as forças para este movimento, e só depois das 11 horas é que o general Virasoro, ponderando-lhe eu a demora que havia em hostilizar o inimigo, respondeu-me que o general em chefe estava naquele

(8) Santos Titara — *Memorias do Grande Exercito Aliado Libertador.*

momento, acometendo o flanco esquerdo e retaguarda do inimigo, e que a divisão oriental ia avançar pelo flanco direito. Logo que vi esta divisão pôr-se em movimento, entendi que, além de outras providencias a tomar, a devia proteger por se dirigir ao ponto mais forte; mandei avançar a artilharia para lugar de onde pudesse bater o inimigo, e distrair seus fogos daquela divisão (9). À primeira brigada determinei que avançasse em auxilio dos orientais, no entanto que eu à testa da segunda o fazia de frente sobre a dita posição. Este movimento arriscadissimo teve um brilhante exito...".

Porto Alegre dá pormenorizadamente conta do combate e acrescenta: "Apesar de tão assinalada derrota, contudo ainda o inimigo conservava à nossa direita uma bateria de quatorze bôcas de fogo: avancei contra ela com o batalhão 6 de infantaria, e tal foi o valor dos defensores que sómente abandonaram o seu posto quando nos viram a 80 ou 100 passos de distancia".

Urquiza deixára a batalha tão sem direção que Porto Alegre, tendo reclamado cavalaria para ultimar a sua vitoria, não teve quem o atendesse e, como ele proprio diz: "mandei ordem a um corpo de

---

(9) "...las baterias del centro que adelantaban para traer sobre si la atención de las baterias enimigas...", diz a parte de Urquiza, comprovando o que conta Marques de Sousa.

cavalaria que vi mais proximo para ajudar-me a perseguir o inimigo que se retirava".

As nossas tropas tomaram aos rosinos 34 canhões, duas estativas de foguetes, dezenas de carretas com munições, bagagens, fardamentos, armas, equipamentos, 2 mil prisioneiros, 3 mil cavalos, a carruagem do coronel Santa Coloma, principal assecla de Rosas, e uma bandeira argentina, a unica tomada na batalha, da qual se apoderou um soldado do 2.º regimento de cavalaria comandado por Osorio, cuja ação foi brilhantissima. Seu chefe conduziu-se com *bisaria admirable* (10) e seus valentes soldados carregaram *sobre los ultimos restos de la infanteria del tirano,* obrigando-os *al abandono de los obuses y tres ó cuatro cañones con que se dirigian raciendonos fuego más allá de Morón* (11).

O general Mitre, na carta que escreveu a Saldias e se encontra no prefacio da obra deste autor, diz, nas paginas XX, etc., que a batalha de Caseros se resume nisto: canhoneio preliminar, carga o centro e outra ala, carga de Osorio no *vasio* (11) pela fuga do inimigo. Acrescenta ainda que Urquiza esqueceu seu papel de comandante em chefe e não teve chefe de estado maior que o substituisse, deixando durante a batalha 14 mil homens inativos.

---

(10) Parte do general Gregorio Araoz de la Madrid ao general Urquiza *in Historia do General Osorio,* vol. I, pag. 520.

(11) Idem.

Mitre esteve presente à ação como oficial de artilharia e assegura que, no campo, se reuniu um conselho de guerra eventual, composto de Marques de Sousa, Piraú, Galán, Sarmiento e o proprio Mitre, o qual, por proposta do primeiro, *resolveu o ataque ao centro rosista,* fazendo-se o coronel Chenaut dar ordem a outros comandantes para secundarem esse movimento em nome de Urquiza (12).

Vejamos o caso por partes, seguindo o esquema traçado por Mitre: conhoneio preliminar — a artilharia de Urquiza era parca e mal dirigida, coube a ação à boa artilharia do Imperio sob as ordens de Gonçalves Fontes; carga de cavalaria sobre uma ala — efetuada pelos confederados com Urquiza, sendo que o regimento brasileiro n.º 2, sob o comando de Osorio, foi o que formou à testa da coluna, deu a carga inicial e a carga final (13); ataque ao centro — levado a efeito por Marques de Sousa com a divisão imperial; ataque da outra ala (direita) — realizado pelos orientais e brasileiros, os primeiros eram 1.700 homens, calcula Rio Branco, 1.880 cal-

---

(12) Repetimos o que já ficou dito no capitulo *A Batalha dos Santos Logares,* porque se torna necessario à clareza de nossas deduções.

(13) Antonio Diaz — *Historia Politica e Militar de las Republicas del Plata,* vol. IX. Santos Titara — *Memorias do Grande Exercito Aliado Libertador, Plano de Batalha. Historia do General Osorio,* vol. I, pags. 518 a 524.

cula Bormann, os segundos, 1.ª brigada imperial, deviam supera-los, porque, conforme Titara, o efetivo da divisão, duas brigadas, atingia 4.042 homens.

Como esconder que foi a atuação brasileira que decidiu a vitoria? (14).

Ante os titulos irrefutaveis que ahi se acham, qualquer escritor póde qualificar o conde de Porto Alegre como vencedor de Caseros, serenamente, sem receiar as alfinetadas da ironia. E, como vencedor de Caseros, ele entrou em Buenos Aires de espada desembainhada, comandando os soldados vencedores das hordas escarlates de Rosas.

---

(14) Basta pôr nos documentos argentinos a designação *Divisão Imperial* onde quer que se leia *nuestro centro*... Por exemplo, o general La Madrid, *loc cit.*, afirma que *el centro, con inaudita bravura* foi quem lançou fóra de suas posições o tirano e suas hordas...

A ENTRADA TRIUNFAL EM BUENOS AIRES

"Veniam enfin tropas decentes, es la palabra... Llegáron los brasileiros").

(SARMIENTO — *Campaña en el ejercito grande aliado*").

Raiára soberbo e lindo o dia 18 de fevereiro de 1852 (1). No cobalto do céu espanado de nuvens, o olho de fogo do sol espargia seus raios ofuscantes. A luz farta e tépida lavava a paisagem verde e o casario baixo e claro da antiga Buenos Aires, que se engalanára toda para receber os seus libertadores.

Tomada a chácara de Monte Caseros pelas baionetas da divisão brasielira, o ditador correra assombrado até sua capital e metera-se num navio inglês, rumo da Europa. Então, livre da obsessão do vermelho, dos pelotões de execução, dos degoladores profissionais, da selvageria da mashorca e do predominio dos negros, a cidade respirára desafogada

---

(1) Os autores argentinos e uruguaios, sobretudo Herera e Saldias dizem que a entrada em Buenos Aires se realizou no dia 20 de fevereiro, aniversario de Ituzaingó. Entretanto, o barão do Rio Branco, nas *Efemerides Brasileiras*, marca-a no dia 18. Conhecedores que somos da formidavel documentação do notavel estadista sobre esses assuntos e de seu cuidado nessas minucias, preferimos acompanha-lo.

e surpresa, sorrira à luz do dia e se ataviára para a recepção daqueles que, com seu valor e seu sangue, a tinham livrado do pesadelo.

A' alma dos seus próceres, entretanto, doía que palmilhassem ovacionados aquelas ruas os soldados imperiais. *A Gaceta Mercantil* sintetizára essa opinião na sua frase incisiva: "Que no vengan los brasileros, que no vengan extranjeros". (2). A proposito, Luis Alberto de Herrera escreve: "Ya la entrada de sus milicias en la capital, legitima coronación de un formidable episodio, desata indignaciones" (3). Embora nessa época o espirito de nacionalidade fôsse um tanto informe, segundo o reconhece Ayarragaray, (4) magoava o amor proprio portenho o triunfo dos seus vizinhos e inimigos tradicionais. Saldias lança sobre o assunto este periodo: "un ejercito extranjero paseandose a banderas desplegadas por las calles de esa ciudad, donde tan sólo uno, el britanico, habia entrado, pero para rendir sus armas en la plaza de la Victoria!" (5).

Após a derrota dos rosistas em Móron, o grande exercito aliado acampára na propria quinta do

---

(2) *Gaceta Mercantil*, janeiro de 1851.

(3) *Buenos Aires, Urquiza y el Uruguay*, 1919, pag. 20.

(4) Lucas Ayarragaray — *La Anarquia Argentina y el Caudillismo, Lajouane*, Buenos Aires, 1925, pag. 62.

(5) Saldias — *Historia de la Confederación Argentina*, La Facultad, 1911, vol. V, pag. 312.

ditador, onde passára a noite. No dia seguinte, marchára em direção à capital e viera armar suas tendas e ranchos em Palermo de San Benito.

Em Buenos Aires, o general Mansilla, cunhado de Rosas e por este, nos ultimos momentos, nomeado governador da cidade, embora tivesse cerca de seis mil homens, portava-se com a mesma frouxidão que demonstrára em Toneleros, de modo que as ruas caíram completamente nas mãos da canalha. A desordem e o saque chegaram a tal ponto que uma comissão chefiada pelo bispo Escalada procurou o general Urquiza e pediu-lhe que tomasse conta da capital. Urquiza recebeu a delegação portenha muito bem e mandou alguns batalhões policiar as ruas e fusilar os malfeitores, nomeando ao mesmo tempo o presidente do Tribunal de Justiça, D. Vicente López, governador. O major general Benjamin Virasoro, encarregado do serviço de policiamento, aprisionou a divisão Aquino que desertára, depois de revoltada, para o partido rosista, e os oficiais de Oribe, que haviam capitulado em Montevidéo. Fôram todos passados pelas armas. Entretanto, os caudilhos da Mashorca, temidos de toda a população, Pablo Alegre e Masa, esses passeavam livremente pelas ruas (6). O inutil derramamento

(6) Bormann — *Rosas e o Exercito Aliado*, Rio de Janeiro, 1913, vol. II, pags. 129 etc.

de sangue arrefeceu muito o entusiasmo portenho pelo seu libertador.

A repugnancia em consentir na entrada das tropas imperiais traduziu-se em atos. Herrera reconhece-a: "... hubo apremio, en seguida de Caseros, para alejar a las tropas extranjeras, que pareciam ofender con su presencia el orgullo de una raza altiva..." (7). Na vespera da entrada, à noite, estando o exercito acampado em Palermo de San Benito, Urquiza procurou na sua barraca de campanha o comandante da divisão brasileira, brigadeiro Marques de Sousa, futuro conde de Porto Alegre. Fazia-se acompanhar por Cesar Diaz, chefe dos mil e poucos uruguaios que tinham participado da luta, pelo general La Madrid, pelo governador Virasoro e pelo general Mansilla.

Marques de Sousa recebeu-os com um sorriso nos labios, cofiando a barba muito preta. A sua figura elegante e fina, tal qual Tirone a pintou no celebre quadro *O Juramento da Princeza Isabel* (8), cingida na farda escura florida de bordados, resaltava entre os vultos pesados e os duros perfis

---

(7) Herrera, op. cit. pag. 22.

(8) Este quadro como todos os esboços que para ele serviram acha-se no Museu Historico Nacional. Os esboços foram oferecidos pela Viscondessa de Cavalcanti, que os recebeu do proprio pintor.

daqueles guerreiros dos pampas. A fisionomia nobre e serena era a dum grande fidalgo da velha *Guerre en Dentelles*. O olhar claro e dominador marcava o desassombro e a franqueza de sua alma. O peito saliente, a cintura fina demonstravam sua força fisica. Gaúcho varonil e fidalgo, nunca haveria de perder essas carateristicas de sua rara personalidade.

Encanecido e coberto de crachás, tenente-general e conde, a maior figura militar do Brasil depois de Caxias e Osorio, a America ainda haveria de vê-lo, de grande gala e espada na mão, como os marechais napoleonicos, combatendo junto ao cavalo morto, no respaldo das trincheiras de Curupaiti, a 3 de novembro de 1867.

Fez uma inclinação de cabeça aos visitantes. Urquiza estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Senhor brigadeiro, vim apresentar-lhe o general Mansilla, que tem algumas considerações a fazer-lhe sobre a nossa entrada em Buenos Aires amanhã. Marques de Sousa cumprimentou o argentino. As ordenanças acenderam mais algumas velas e aproximaram tamboretes. Todos sentaram-se.

Então, Mansilla, dirigindo-se ao chefe brasileiro, disse-lhe:

— Desculpe o general a minha intervenção, mas sou patriota e o meu dever, tendo sido governador de Buenos Aires e conhecendo bem a indole de sua população, é preveni-lo do que ha. Expli-

quei o meu ponto de vista ao general Urquiza e este aconselhou-me a procurar pessoalmente V. Ex. Eis por que me encontro aqui.

Fez uma pausa, tossiu ligeiramente e proseguiu:

— Acho inconveniente a entrada das tropas brasileiras e uruguaias na cidade. São pouco numerosas em relação ao exercito entreriano-corrientino e poderão dar ao público a idéa de que pequeno foi seu auxilio para a vitoria, o que aumentará a humilhação da capital pisada pelo estrangeiro. Devemos evitar manifestações desagradaveis da população áqueles que, desta ou daquela fórma, se prontificaram a ajudar uns argentinos contra outros. Devemos tambem evitar os excessos, infelizmente sempre comuns, por parte de soldados estranhos, numa cidade indefesa que se entrega. E' melhor prevenir do que remediar...

O general brasileiro ouvira tudo até ali serenamente, uma ruga na testa alta. Já não era a primeira vez que procuravam dissuadi-lo de entrar na capital argentina. Áquelas ultimas palavras pôs-se de pé e respondeu, rispido:

— Senhor general, a disciplina existe nas tropas do Imperio e seus generais sabem mantê-la. Foi essa disciplina que decidiu da baltaha de Caseros, que fez calar a artilharia rosista e tomou as casas de sotéa. Não a venceram, por mais que isso apregoem, as cavalarias milicianas que carregaram a margem do Morón, porem a minha divi-

são que assaltou e tomou o reduto de Rosas, e representa neste momento o exercito de reserva do conde de Caxias, prestes ao menor sinal na Colonia do Sacramento, fator moral por excelencia da queda do tirano. E as provincias de Corrientes e Entre Rios, subsidiadas e armadas pelo Imperio, somente ousaram marchar depois que o meu governo lhes fez saber que com elas, sem elas ou mesmo contra elas guerrearia Rosas. A vitoria desta campanha é uma vitoria do Brasil e a divisão imperial entrará em Buenos Aires com todas as honras que lhe são devidas, quer V. Ex. ache conveniente ou não.

Profundo silencio. Urquiza riscava o sólo com a ponta do rebenque. Cesar Diaz torcia o fiador da espada. La Madrid mordia o bigode. Virasoro cravava os olhos no chão. E Mansilla estava muito pálido (9).

Foi Urquiza quem primeiro falou:

— E' uma simples questão de opinião. Nada mais. O general Mansilla pensa dum modo. O general Marques de Sousa, de outro. Não chegaram a um acôrdo, mas isso não impede que amanhã todos participemos do triunfo.

---

(9) Nas *Efemerides Brasileiras*, na data de 18 de fevereiro, o barão do Rio Branco mostra como Mansilla procurou impedir a entrada dos brasileiros em Buenos Aires.

E, trocados os cumprimentos, partiram.

No dia seguinte, não só a natureza foi prodiga de beleza e de luz. Na frase do grande Sarmiento, tambem Buenos Aires esteve sublime. E acrescenta o autor de *Facundo*: "era um monumento da grandeza humana evocada de entre o sangue e as ruinas... O triunfo chegou à praça, onde, ante a frontaria grega da catedral, havia uma arquibancada em que tomavam assento oitocentas senhoras das mais distintas" (10). "A medio dia el general Urquiza, montado en un soberbio caballo del general Rosas, con poncho, sombrero de copa alta, adornado con el cintillo punzó y seguido de su estado mayor, cruzó la plaza del Retiro, y entró en la calle del Perú a la cabeza de la gran columna de infanteria y artilheria, cuya retaguarda cerraban las divisiones de caballeria" (11).

E desfilou o exercito vencedor, subindo a rua do Perú, entrando na da Federação e indo ter à praça da Vitoria, daí ganhando o acampamento de Palermo pelo Paseo de Julio.

À frente, pala de vincunha ao vento, farda azul bordada a ouro, D. Justo José de Urquiza, com a sua cartola preta cintada de vermelho, porque ele

---

(10) Sarmiento — *Campaña en el Ejercito Grande Aliado.*

(11) Saldias — *Un Siglo de Instituciones,* tomo I, pag. 299.

se apregoava, apesar de tudo, federal (12). Seu variegado estado-maior, fardas e ponchos confundidos.

Passaram em seguida os regimentos da propria provincia de Buenos Aires, desalinhados e deselegantes, de xiripás vermelhos os de a cavalo, de gandólas rubras os de a pé. E a monotonia dessa côr bárbara parecia exprimir que a sangueira das opressões e das contendas civis ainda haveria de continuar. A multidão estava muda. As senhoras voltavam o rosto.

O sombreiro largo açoitado de vento, a farda azul bordada a ouro, Virasoro apresentava-se sorridente, seguido pelas tropas de Corrientes e de Entre Rios. A infantaria do coronel Galán, de pederneiras ao hombro. As cavalarias de armamento e uniformes disparatados de La Madrid, de Hornos, de Salazar. As artilharias de Pirán e de Mitre, arrastando ainda falcões e colubrinas do tempo colonial com as armas dos Philippes e dos Carlos nas culatras.

---

(12) Todos os autores, Sarmiento e Bormann especialmente, pintam Urquiza usando ridiculamente uma cartola com a farda. A iconografia confirma o fato. Vemo-lo assim na gravura famosa da batalha de Caseros, de Carlos Penuti, impressa na tipografia volante do Grande Exercito Aliado, em que ele comanda a direita de suas tropas no momento de carregar o inimigo. Vide Eduardo de Urquiza — *Historia Numismatica de la Campaña Libertadora de Urquiza*, Buenos Aires, 1928, pag. 69.

Uma salva de palmas no palanque. Surge, rodeado de jovens oficiais, bem montado e bem fardado, o coronel Cesar Diaz. Seus uruguaios marcham em bôa ordem, os shakos lustrosos, casais azues, correames brancos trançados sobre o peito e as costas, ao som das bandas marciais. São quatro pequenos batalhões e um luzido esquadrão de artilharia ligeira.

Uma aragem mais forte agita, como que de proposito, as inumeras bandeiras brasileiras pedidas por emprestimo aos nossos navios de guerra, para enfeitar fachadas e ruas. Vôam no ar os chapéus. A multidão prorompe em vivas. Salvas e mais salvas de palmas frenéticas. As senhoras do palanque pôem-se de pé. E' a divisão imperial que vai desfilar.

A charanga da cavalaria rompe a marcha, clangorando. Marques de Sousa, em grande gala, o bicornio emplumado, os alcachôfrados de ouro, os canutões e as véneras reluzindo. Rodeia-o brilhante estado maior empenachado: os capitães André Alves de Oliveira Bello, Augusto Frederico Pacheco e Lassance Cunha, o tenente Basileu Gonzaga e o alferes Bethzebé Nery.

Um pouco atrás, solitario no seu cavalo castanho, um tenente-coronel de cavalaria, peito forte, olhar dominador, a barba muito negra, farda azul de canhões rubros, talim de torçal dourado. E' Manoel Luis Osorio. Em esquadrões compatos seguem-

no os seus terriveis dragões do 2.º regimento, cobertos de gloria de Morón. Trazem chapeirão negro soqueixado por um barbicaixo, pantalonas alvas, tunicas azúes escuras com carcelas encarnadas e vivos brancos, talabartes e cananas, uma bandeirola vermelha losangulada de neve, com o numero do corpo, na comprida lança de cruzeta.

Vinham as "tropas decentes" de Sarmiento: a brigada de Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto com o 5.º, o 6.º e o 7.º batalhões de caçadores, comandados por Pecegueiro, Luis Ferreira e Bruce; a brigada de Feliciado Falcão com o 8.º, o 11.º e o 12.º de caçadores comandados por Carlos Resín, Francisco Vitor e Tamarindo; e o *Boi de botas,* o famigerado 1.º regimento de artilharia a cavalo, chefiado pelo major José Joaquim Gonçalves Fontes (13). Um rufo compassado de tambores e, após: as bandas de musica todas verdes e prata, bombos estrandando, arvores de campainhas agitadas no ar, os tambores móres floreteando os bastões, os sargentos usando ainda piques, como no tempo de Napoleão I, os oficiais com dragonas de canutilho ou de canutão dourado, todas as faixas encarnadas, os paramentos negros, negra as polainas, calças azúes, blusas verdes, correames pretos, gorros baixos, o

---

(13) Santos Titára — *Memorias do grande Exercito Aliado Libertador.*

réfle de copo de espada calado na carabina de fulminante, e sobre eles as bandeiras imperiais tremulando (14).

Passaram sob a maior aclamação jamais vista na capital argentina, parecendo que a população, consciente do que lhes devia, desejava indeniza-los do silencio que sobre sua atuação em Monte Caseros até então guardára Urquiza e da tentativa de diminuição da parte de Mansilla.

À esquina da rua Corrientes, havia uma casa toda fechada. Logo que o general Urquiza a defrontou, Purvis, seu grande e feroz mastim, companheiro e guarda fiel de todas as horas (15) que seguia o seu cavalo, pôs-se a latir. E uma das janelas se abrira e dela um vulto de mulher fazia gestos descompassados. Era a senhora Ventura Matheus, mãe do coronel Paz, morto no combate de Vences, que gritava injurias ao governador de Entre Rios.

— Assassino! Assassino! bradava como louca (16).

Adiante, no cruzamento da rua Temple, um começo de vaia silvou entre grupos de populares, an-

---

(14) Gustavo Barroso e J. Wahs Rodrigues — *Uniformes do Exercito,* Ferroud, Paris, 1922.

(15) Bormann, op. cit. vol. II, pag. 50.

(16) Saldias, op. cit. vol. V, pag. 310.

te as tropas do Brasil. Marques de Sousa voltou-se a meio na sela e o seu corneteiro de ordens deu o sinal de sentido. O assobiu morreu no ar... (17).

O povo rompeu os diques opostos pela policia e rodeou o estado maior e as tropas do Imperio, ovacionando-os, sem se incomodar com as cavalarias de Pablo López, de Medina, de Ávalos e de Urdinarrain, que fechavam o longo prestito militar. E, assim, levou-os até a praça da Vitoria.

Mais tarde, todos os corpos tinham regressado aos seus quarteis e acampamentos. As ruas estavam quasi desertas. Perto da Recoleta, o general Marques de Sousa vinha a passo, com seu estado maior, recolhendo ao acampamento, após ter providenciado sobre a acomodação de seus soldados.

Um homem à paisana caminhava em sentido contrario. Deteve-se à borda do passeio e tirou o chapéu:

— Sr. general, bôa tarde! disse.

Marques de Sousa sofreou o cavalo e fez-lhe continencia:

— Sr. Sarmiento, como tem passado?

Estenderam-se as mãos com afeto.

---

(17) Idem.

— Então, perguntou o grande argentino, que tal a ovação?

E o grande brasileiro.

— Não esperava, meu amigo, uma manifestação dessa ordem. Foi para mim uma felicidade ter conhecido esse povo (18).

(18) Sarmiento, op. cit.

A ENERGIA DE HONORIO HERMETO

"O Brasil, durante a barbárie e a post-barbárie platina, se impunha pela força moral. Nada pinta melhor a nossa atitude de civilizados, mas que sabem fazer-se respeitar, do que um incidente ocorrido entre Honorio Hermeto e Urquiza.

.. ..

Frente a frente um do outro, o poderoso caudilho, que iria morrer combatendo sózinho contra sessenta assassinos, e em cujo animo heroico nunca entrou nem de longe o medo, e o moço brasileiro que nunca empunhára uma espada, dir-se-ia iminente o desfecho do conflito pessoal."

(Baptista Pereira — *"Civilização contra Barbárie"*).

Urquiza desconhecia completamente os menores rudimentos da arte militar. Sua ignorancia era igual áquela admiravelmente documentada numa famosa carta apocrifa de D. Venancio Flores, que figura como dirigida por ele do Paraguai à esposa. Nela, se diz o seguinte: "Todo se hace por calculos matematicos; y en levantar planos y medir distancias, y tirar lineas, y mirar el cielo, si pierde el tiempo mas precioso; figurate que las principales operaciones de guerra se han ejecutado en el tablero de un ajedrez!" (1). D. Justo rezava pela mesma cartilha. Era "o tipo herculeo do caudilho, que já tivera a sua encarnação apolinea em Rosas. Sua fisionomia respira decisão e audacia. Embora abeberado da astucia esparsa na atmosfera do meio em que nasceu, é capaz de dominar-se. Nas fintas e escaramuças dos prelios politicos move-se com uma

---

(1) Thompson — *La Guerra del Paraguay*, Palumbo, Buenos Aires, 1910, pag. 94.

rara capacidade de dissimulação. A sua malicia é proverbial" (2).

Seu exercito era uma malta de milicianos, indisciplinados e pouco limpos. Às portas de Buenos Aires, a divisão de Aquino revolta-se e passa-se para o inimigo. Antes, já havia desertado um esquadrão de cavalaria de Hornos e outro da de Susviela. A incapacidade militar de Urquiza traduzia-se nos fatos reveladores de que não possuia a menor noção do comando em chefe dum exercito em campanha. Não havia general de dia, nem rondas, nem patrulhas, nem avançadas, nem ordem do dia, nem estado-maior, escreve um historiador (3). Sarmiento declara francamente: "Este lujo inaudito de barbárie y de desorden se hacia en presencia de brasileros y orientales que en sus campos respectivos estaban en regla (4)".

O caudilho entretanto, embora aparentemente zombasse dos generais veteranos, que procurava diminuir com o apelido de *Fundilhos Caídos*, no fundo respeitava-os, como respeitava quem tinha força moral para repelir-lhe os impetos violentos. A no-

---

(2) Baptista Pereira — *Civilização Contra Barbárie*, São Paulo, 1928, pag. 126.

(3) Bormann — *Rosas e o Exercito Aliado*, Rio de Janeiro, 1913, vol. II, pag. 55.

(4) Sarmiento — *Campaña en el Ejercito Grande Aliado.*

ta do Imperio declarando, terminantemente, que "com ele, sem ele ou contra ele entraria em campanha" (5), obrigou-o a decidir-se contra Rosas. Caxias impôs-se-lhe pela energia calma. Osorio provocou-lhe a estima e a admiração pela sua coragem desmedida. E, quando era hora de acampar, na marcha para Buenos Aires, o caudilho perguntava onde pousavam os brasileiros e acrescentava:

— Ponham a porta da minha barraca para esse lado, afim de eu poder escapar esta noite, si houver surpresa, pois nós, os gaúchos, somente sabemos surpreender ou ser surpreendidos (6).

Contudo, fóra dos momentos de perigo, bravateava como verdadeiro entreriano que era.

Uma dessas bravatas saíu-lhe mal. Era em Buenos Aires conquistada, que o caudilho, pretenso libertador, de novo ensanguentava. Urquiza conferenciava com Honorio Hermeto Carneiro Leão, futuro marquês do Paraná. O brasileiro moreno e magro parecia ainda mais moreno e mais magro ante o herculeo gaucho, cujo olhar de milhafre procurava domina-lo. Não estão de acôrdo sobre um ponto qualquer e o discutem. D. Justo nunca foi contrariado. Irrita-se.

---

(5) Idem.

(6) Bormann, idem, pag. 77 e Sarmiento, idem.

— Ora, o Imperio! diz. A minha aliança firmou-o, porque com ela o Brasil derribou a Rosas que estipendiava jornais oposicionistas no Rio de Janeiro e alimentava o republicanismo dos Farrapos do Rio Grande.

Nervoso, agudo, as narinas tremendo, Carneiro Leão pôs-se de pé. O gaúcho semi-barbaro ia vêr que soma de energia, de coragem e de audacia havia naquele corpo franzino que ele julgára desprezar. O diplomata brasileiro altivamente repeliu a afirmativa pretenciosa. O imperio punha abaixo caudilhos e não precisava deles, nem os temia. Era suficientemente forte para impedir sua propria fragmentação, como o demonstrára através da historia, sem carecer de alianças com as gentes que pagava e que, desta ou daquela maneira, lhe obedeciam. A missão do Imperio era de ordem e paz, altamente civilizadora. E um dia isso haveria de ser proclamado.

Urquiza replicou-lhe, alteando a voz. Honorio Hermeto contaditou-o em tom áspero e decidido. O caudilho gritou. O diplomata cresceu para ele, tremulo em brados. D. Justo, espumando de raiva, num desses momentos em que todos e tudo em volta dele tremiam de pavor, trovejou, possésso, algumas injurias ao Brasil, que se vangloriava de invadir, apoderando-se num golpe de mão, de todo o Sul. E o pequeno, magro e trigueiro adversario trove-

jou mais forte do que ele, as pupilas relampeando, os punhos cerrados, terrivel tambem!

— O Brasil não teme os caudilhismos bárbaros! vociferou. Mesmo sem o Rio Grande do Sul, republicanizado ou conquistado, sobram-lhe recursos para dominar a rebeldia e expulsar a chicote os invasores!

— A chicote! ouviu? A chicote! uivou, apoplético, ao pé de Urquiza esfogueado.

Em volta, os assistentes mudos, gelados, esperavam um triste desfecho áquela cena. "A um canto, palido, mas sereno, José Maria da Silva Paranhos, braços cruzados, estampava no rosto marmóreo a dignidade ofendida dum patricio romano ante um bestiario da Sarmacia" (7).

D. Justo José de Urquiza mirou a Honorio Hermeto com a admiração, não disse mais uma palavra e saiu (8).

---

(7)) Baptista Pereira, idem, pag. 136.

(8) Sobre esse incidente historico, lêr especialmente o oficio confidencial de Honorio Hermeto ao governo imperial, datado de 4 de março de 1852, que o refere com atenuantes.

Quando ESTE não lhe interessar, por favor
PASSE A UM AMIGO

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSARIO SELAR ESTE CARTÃO

O SELO SERÁ PAGO POR

CARTÃO
Autorisação n. 56
Rio de Janeiro

Getulio M. Costa

Caixa Postal 1.829

RIO DE JANEIRO

Pelo Reembolso desejo a remessa dos livros abaixo:

GUSTAVO BARROSO

.....Guerra do Lopez.

.....Guerra do Flores.

.....Guerra do Rosas.

.....Guerra do Artigas.

.....Guerra do Vidéo.

.....Tamandaré.

.....Osorio...

.....Livro dos Enforcados.

Risque o livro que não quizer.

Antes de pedir ao n/ endereço, procure na Livraria da localidade.

preço de 6$000 cada, br.

.....

Data .....

Logar .....

Estado .....

.....

Nome bem legivel

A DESPEDIDA DOS BRASILEIROS

"Viva la Confederación Argentina!

El Gobernador y Capitán General de Entre Rios, General em Jefe del Ejercito Aliado Libertador.

A la División Auxiliar del Brasil:

Proclama. — Brasileiros: La Justicia, la libertad y la gloria os trajeron al Rio de la Plata, y cooperasteis a la salvación de dos Republicas, y a la ruina de sus tiranos. Gracias e imperecedero honor para vosostro y vuestros hijos!

Veteranos del Imperio: El amor, la admiración y la gratitud de estos paises, se asocian hoy a vuestra tierna despedida Llemásteis el compromiso santo de aliados de la libertad, os habeis granjeado las simpatias del mundo y asegurado al porvenir la dignidad de nuestra patria. Inamovibles colunas de la Majestad Imperial, sobre vuestros hombros será ella imperdurable. Y se honrará siempre en proclamarlo asi vuestro leal amigo y compañero de armas.

Justo José de Urquiza."

Enquanto a divisão de Marques de Sousa brilhantemente cooperava com os entrerianos e corrientinos de Urquiza e de Virasoro decidindo do exito da batalha dos Santos Logares que dera no chão com o tirano Rosas, Caxias ficára na Colonia do Sacramento, em frente à capital argentina, com o exercito imperial denominado de reserva. Si a resistencia dos federais se prolongasse, ele deveria dar o desembarque no territorio inimigo, ocupar a cidade e atacar as tropas rosistas pela retaguarda. A chave das operações finais estava nas mãos do chefe brasileiro. Mas nada disso aconteceu, porque D. Juan Manuel, mal se sentiu derrotado, fugiu e Buenos Aires capitulou sem dar um tiro, apenas dela se aproximaram os soldados libertadores. Todavia, logo que ouviu o troar da artilharia para o lado de Caseros, o conde fez embarcar as suas divisões, que voltaram pouco tempo depois para terra, em vista da comunicação urgente de Grenfell: Buenos Aires entregou-se (1).

---

(1) Bormann — *Rosas e o Exercito Aliado,* Rio de Janeiro, 1913, vol. II, pag. 126.

O desembarque e o ataque a Buenos Aires não seriam feitos às apalpadelas. Caxias era dos capitães dignos de louvor do grande épico, porque de tudo cuidava. Ele fizéra, pessoalmente, pouco dias antes, o reconhecimento do litoral portenho. A bordo do vapor *Affonso,* que levava o pavilhão do chefe Grenfell, de manhã muito cêdo, o comandante do nosso exercito penetrára audaciosamente no porto inimigo. A nave brasileira vinha preparada para toda e qualquer eventualidade, os morrões acesos, a tripulação nos seus postos de combate. Porém, como que tomados de espanto, nem os navios da esquadrilha de Brown, fundeados a pequena distancia, nem as baterias da praia tentaram a menor demonstração hostil contra a capitánea imperial.

Ao avistarem as insignias de Caxias e de Grenfell no tópe dos mastros do *Affonso,* as canhonheiras das estações navais inglesa, francesa e sarda salvaram com suas peças os dois chefes da expedição do Brasil. Grenfell respondeu-lhes aos cumprimentos com a sua artilharia e mandou um ajudante de ordens visita-los em seu nome e no do conde. O escaler que conduzia esse oficial atravessou o ancoradouro da esquadrilha rosista, passando serenamente entre seus navios, sem que fosse incomodado... (2). Os cáis estavam pejados de curiosos; as praias, cobertas de gente. O oficial, na volta, apro-

(2) Idem, pags. 57 a 59.

ximou-se do litoral e atirou à multidão pacotes de boletins e proclamações contra o tirano...

Depois de ter detidamente examinado o que quiz em Buenos Aires, Caxias regressou ao seu acampamento da Colonia e esperou os acontecimentos.

Após a ocupação de Buenos Aires pelo exercito libertador, o conde voltou a essa cidade. Transportou-o novamente o *Affonso,* trazendo mais a bordo o 2.º batalhão de infantaria. O desembarque do comandante em chefe realizou-se nas cercanias de Palermo, quinta onde residira o despota. O batalhão ficou embarcado. Um dos ricos e macios côches de Rosas esperava o general, cercado por numerosa e brilhante escolta. E, assim, ele chegou à presença de Urquiza que o recebeu com todas as honras, declarando-lhe em voz alta que devia a vitoria, em grande parte, à divisão brasileira e que deixaria testemunhado isso com sua propria firma em documento público.

Grenfell acompanhava Caxias e recebeu sua parte de elogios pela passagem de Toneleros. Ambos manifestaram o desejo de visitar o campo de batalha de Caseros e até lá fôram conduzidos, ainda encontrando no patio das famosas casas de sotéa, insepultos, os cadaveres dos mais bravos defensores da tirania.

O conde de Caxias demorou-se alguns dias na capital argentina, recebendo onde quer que fôsse

visto ruidosas, entusiasticas manifestações populares. Conversou com Honorio Hermeto, enviado especial do governo do imperio, deu as ordens de partida a Marques de Sousa e retirou-se para a Colonia do Sacramento no dia 11 de fevereiro. Deixára a entrada triunfal do dia 18 para ser gozada por aqueles que, com seu sangue, tinham conquistado esse direito (3).

Urquiza escreveu uma proclamação à divisão brasileira que para sempre a cobriu de gloria. Reconhecia a sua eficiencia na obtenção da vitoria e hipotecava-lhe a gratidão de sua patria, cuja dignidade fôra por ela assegurada para o futuro. Espalhada em boletins, pregada pelas esquinas, ela alvoroçára o povo portenho, que começava a embirrar com as atitudes do capitão general de Entre Rios. Então, foi preparada uma grande manifestação aos brasileiros que partiam.

Realizou-se o embarque nos transportes de Grenfell no dia 1.º de março de 1852. As ruas estavam atapetadas de folhagens; as casas, embandeiradas; as janelas, cheias de damas que atiravam flôres ou batiam palmas. As duas brigadas de caçadores a pé, os esquadrões de lanceiros e clavineiros de Osorio, o regimento de artilharia a cavalo de Fontes marchavam garbosamente ao som das musi-

(3) Idem, pags. 133 a 135.

cas militares, acompanhados por uma multidão imensa que os vitoriava. Premidos, empurrados, abraçados, quasi perdendo a formatura, chegaram até o ponto de embarque.

"Enfim, escreve Bormann, o general Marques de Sousa embarcou em um bote com seu estado maior e dirigiu-se ao navio que o devia conduzir, e ali chegou sempre aclamado pela enorme multidão, da qual se destacavam centenas de senhoras e senhoritas, que, agitando seus lenços, enviavam ao heroico general os adeuses da despedida" (4).

E nos olhos do futuro batalhador ardente de Curupaiti brilharam algumas lagrimas de emoção. Ele sentia que "levava sobre sua cabeça e sobre a de seus soldados as bençãos de todo um povo agradecido" (5).

---

(4) Idem, pags. 145 a 150.

(5) Expressões textuais do manifesto de gratidão ao Brasil votado pela *Honorable sala de los representantes* de Buenos Aires, em setembro de 1852.

A GRATIDÃO DE MONTEVIDÉO

"Um macaco, fardado de soldado brasileiro, foi conduzido pelas ruas ao som do hino de Caxias..."

(SIBER — *"Ruckblick auf den Krieg Gegen Rosas," tradução de* Alfredo de Carvalho).

Depois de ter penado nove anos sitiada por Oribe, vendo no meio das angustias da fome o espetro sinistro de Rosas que ameaçava afogar em sangue a nação uruguaia, Montevidéo foi libertada pelo Brasil. A historia prova que, sem o Imperio, Urquiza não se teria movido contra o colega portenho e que a sua chegada em primeiro lugar à vista da cidade somente determinou a capitulação compadresca do Corta-Cabeças, porque este sentia atrás das desorganizadas milicias entrerianas os dezeseis mil veteranos sólidos e organizados de Caxias. E este, segundo afirma Siber, que o detestava, onde quer que se achasse, dominava a ordem na administração e a firmeza na direção das tropas (1).

Intervindo nos negocios do Prata, afim de fazer cessar um regime deshumano, em nome da civiliza-

---

(1) Siber — *Retrospeto da Guerra Contra Rosas*, traduzido do alemão por Alfredo de Carvalho, edição da Empresa Literaria e Tipografica, Porto, 1916, pag. 42.

ção pelo Tigre de Palermo e seus asséclas, o Brasil assumira papel nobilitante e realizára obra meritoria que a França e a Inglaterra tinham tentado sem exito. Entretanto, a gratidão dos libertados não foi duradoura...

Expulso Rosas, pacificado o Uruguai, vinda de Buenos Aires a divisão de Marques de Sousa, o exercito brasileiro demorou-se alguns dias em Montevidéo, preparando-se para regressar ao Rio Grande. A cidade estava dominada pelos *Blancos*. Não a tinham conquistado pelas armas de Oribe, mas dela insidiosamente se apoderaram pelas manobras da politica, pouco depois de levantado o cêrco. E o governo esperava os batalhões de Cesar Diaz para blasonar maior nacionalismo ainda do que o que ardia sob as cinzas da dissimulação, louco por vêr pelas costas o conde de Caxias.

Enfim, numa dôce manhã de sol, o exercito deixou a cidade. A sua brilhante cavalaria galopou para os pampas verdes, ponchos ao vento, os galhardetes rubros das lanças farfalhando. A sua infantaria caminhou em filas cerradas e, no meio dela, o 15.º batalhão composto de alemães, no qual Siber servia como capitão. Eram os remanescentes do exercito de Echleswig Holstein, licenciado após a terminação da guerra dos ducados do Elba, contratados na Europa por Sebastião do Rego Barros. Caxias opusera-se no senado veementemente a essa medida, lembrando o que se passára com os merce-

narios de Pedro I. Surdo à sua oposição, o governo organizára um batalhão de infantaria, um de artilharia e um corpo de pontoneiros. Comandante em chefe do exercito, o conde puzera-os em segunda plaina e acabára por dissolver os pontoneiros e reduzir os artilheiros à expressão mais simples, tendo descoberto que, enfastiados pela inação, saudosos da patria, insulados em meio diferente do seu proprio e ávidos de dinheiro, tinham entabolado, na Colonia do Sacramento, negociações com Rosas para uma deserção em massa (2). Desse batalhão 15 de fusileiros, armados de fusis de retro-carga e agulha Dreise, modelo de 1841, enquanto que os infantes e caçadores das outras unidades tinham espingardas e carabinas Barnett de carregar pela bôca, somente oitenta atiradores escolhidos tomaram parte na batalha de Monte-Caseros (3). Seguia-se à infantaria o famoso regimento de artilharia a cavalo com dezeseis peças atreladas. Depois, as outras unidades da mesma arma e o trem, guardado por forças da Guarda Nacional: galeras, forjas de companha, carros manchêgos, viaturas de toda a especie conduzindo os viveres, as bagagens, os feridos, as mu-

---

(2) Idem, pag. 49. Saldias — *Historia de la Confederación Argentina, La Facultad,* Buenos Aires, 1911, vol. V, pag. 294.

(3) Idem, pag. 34. O Museu Historico Nacional possúe, admiravelmente conservados, os fusis Barnett e Dreise dessa época.

nições e os enfermos sob a direção do Deputado do Quartel Mestre General. E os gringos traficantes, e os tangedores de gado com suas pontas e manadas, e as chinas belicosas, e os cadetes preguicentos e indisciplinados nos seus magros cavalos de aluguel...

Saíu o exercito da cidade ao som marcial do dobrado Marcha de Caxias, composto em honra do general em chefe pelo mestre da banda do 7.º batalhão de caçadores e caminhou pela planicie uruguaia afóra. A paisagem era de uma fatigante monotonia verde. Sempre igual, sempre a mesma. O sólo raramente cortado de pequenas depressões, no fundo das quais iluminavam os córregos ou as sangas enxarcadas. Coxilhas e coxilhas, lombadas e lombadas a perder de vista, tudo coberto pela verde pelucia da relva. Enfarava.

Eis como Siber descreve a marcha: "...o chiar das pesadas carretas e o grito dos carreteiros eram os unicos ruidos que se percebiam na movimentação de tanta gente. Nenhum canto alacre animava o espirito do fatigado pedestre, nenhum sinal audivel de interesse ou de surpresa se deixava perceber, a não ser quando algum dos oficiais, dos que cavalgavam à esquerda da coluna de marcha, ou algum desocupado da fila do comboio, dava caça a uma perdiz que levantava o vôo da relva, ou quando alguns tangedores passavam em perseguição a cavalos desgarrados. Todos prosseguiam, taciturnos e indolentes, através dos campos uniformes,

como um cortejo de variegados comediantes que atravessam o palco, e desaparecem por trás dos bastidores (4)".

Assim, atravessavam os pampas tediosos esses soldados que o mesmo autor, apesar da sua má vontade, declara admiraveis em suportar privações, sóbrios e resignados, cujo insigne asseio estava acima de qualquer louvor, cuja disciplina poderia servir de exemplo a qualquer soldado europeu (5).

Realizada a primeira etapa da marcha, a corneta do quartel general de Caxias deu o toque de "acampar". Era na lombada duma vasta coxilha, perto de cinco leguas da capital uruguaia. Grandes, frondosos umbús sombreavam o campo. Um riacho babujava-se de espumas, muito transparente, entre caniços. Os clarins e cornetas de todas as divisões repetiram o sinal e a dilatada coluna desenvolveu sua linha pelos prados. As divisões obliquaram à direita, dando a retaguarda para o pequeno curso de agua. Os ajudantes dos generais comandantes indicaram a cada unidade o sitio do seu acampamento. As cavalarias ocuparam os intervalos das brigadas de infantaria, guarneceram-se os flancos, e as colunas de companhia de cada batalhão armaram suas barracas, medidas as distancias a passo pelos

(4) Idem, pag. 59.

(5) Idem, 28 e 29.

sargentos, as musicas nas linhas de frente após o corpo da guarda, os estados maiores na cauda, todas as tendas formando uma praça para as revistas da manhã e da noite. E tudo foi feito com admiravel repidez e extraordinaria regularidade. Era, em verdade, um exercito de veteranos (6).

Distribuiram-se as avançadas, os piquetes de cavalaria para ronda e vigilancia, as sentinelas perdidas nas eminencias do terreno. O conde de Caxias visitou os doentes e feridos. Somente depois de tudo estar providenciado, é que o general em chefe mandou armar a sua barraca, ampla e listrada de azul e branco (7).

Caxias convidou o oficial que comandava sua guarda de pessoa para jantar com ele e seu estado maior. O exercito recebeu as rações. Acenderam-se as fogueiras. A soldadesca churrasqueou. E dentro em pouco o acampamento se povoava de sons de viola e de violão, de cantigas de desafio e de modinhas amorosas.

Por esse tempo, uma multidão ululante percorria as ruas da capital uruguaia, festejando a parti-

---

(6) Os mais infimos pormenores tecnicos da manéira de acampar do nosso exercito podem ser lidos na op. cit., pags. 64 e 65.

(7) Idem, pag. 72 Siber guardou de maneira até as côres da lona da tenda de Caxias. Sente-se que o conde o impressionou.

da de seus desinteressados libertadores. A mó de povo delirava, uivando as peores diatribes contra o Brasil e os brasileiros. À frente dela, um engraçado levava ao hombro um macaco fardado com o uniforme do nosso exercito. Atrás dele, uma charanga desafinada tocava a Marcha de Caxias e os *morras explodiam* de toda a parte. Passando diante da legação imperial, toda fechada, a canalha quebrou-lhe as vidraças a pedradas... (8).

Foi essa a gratidão de Montevidéo.

(8) Idem, pag. 55.

O CONVIDADO DESCONHECIDO

"Cierto es que dije que no recibia visitas ni las hacia, por no tener recursos, ni tiempo para ello: que el lord Palmerston me visitaba y que yo le visitaba tambien una vez por año."

(Carta de Rosas a D. Josefa Gómez, datada de 20 de setembro de 1866).

O *Conflict* atravessou o oceano com felicidade e fundeou em Plymouth no dia 5 de abril de 1852. Rosas e Manuelita desembarcaram, sendo recebidos com tantas honras pelas autoridades que o fato motivou uma interpelação na Camara dos Lords. Lord Northumberland, presidente do conselho de ministros, deu as explicações necessarias: tratava-se dum refugiado politico de alta categoria e, como o governo inglês fortemente o combatera no poder, devia ser o mais cortez possivel na desgraça. A Camara aplaudiu-o.

Rosas comunicou em carta a Lord Granville, ministro de estrangeiros, seu desejo de estabelecer-se definitivamente na Inglaterra. Respondeu-lhe o ministro do interior, Lord Malmesbury, dizendo-lhe que poderia residir onde achasse mais conveniente e garantindo-lhe a proteção das leis inglesas.

Estava Rosas em precarias condições de fortuna. O homem que dominara completamente a Argentina durante vinte e cinco anos, via-se no exilio com os minguados recursos que sua filha pudera

apanhar na hora apressada da fuga. O governo que lhe sucedera imediatamente confiscara todos os seus bens. Um amigo conseguiu salvar do arresto a pequena estancia de San Martin e vendê-la. Ao terminar a ultima quota do que trouxera Manuelita em ouro e joias, chegou esse auxilio inesperado, graças ao qual a fome não bateu à porta do tirano apeado, que a milhares de pessoas perseguira e matára, porém a outros milhares protegera e enriquecera.

Com esse dinheiro, D. Juan Manuel alugou ao seu amigo lord Palmerston um terreno de cerca de cento e cincoenta acres nas proximidades de Southampton, no lugar denominado Swartkling, à beira da estrada. Desbastou-o da vegetação inutil, aplainou-o, construiu uma casa singela, galpões, ranchos e latadas, alevantou cercas, plantou arvores frutiferas e comprou um par de vacas e meia duzia de cabras, ovelhas e porcos. Voltou a ser o estancieiro de outrora nas acanhadas proporções que lhe permitia um condado britanico. Faltava-lhe a amplidão selvagem do pampa sem dúvida: mas findava sua vida como a principiára: nas lides do campo, curvado para a terra produtora.

Solitario e resignado, pelo menos sem queixas desesperantes, ali viveu vinte e cinco anos, tantos quantos dominára pelo terror. Parece que a criação e o terreno não produziam grande cousa, porque, apesar de sua modestia e frugalidade, se viu muitas

vezes obrigado a implorar a caridade alheia. Suas cartas aos raros amigos da Argentina aludem sempre às suas "tristes circunstancias".

Muitas e muitas vezes, a miseria roçava nele suas asas negras. Os amigos que concorriam com o seu óbulo para amenizar-lhe a pobreza do exilio rareavam continuamente mesmos as amigas, mais generosas e fieis, que lhe remetiam, cotizando-se, algumas onças de ouro por trimestre. Nos dias de maior penuria, D. Juan Manuel abria o seu guarda roupa, tirava a brilhante farda azul de capitão general, o riquissimo uniforme das paradas faúlhantes de antanho, arrancava um dos botões de ouro massiço, dava-o a Mery, seu dedicado servidor, e mandava vendê-lo na cidade. Não se lhe via brilhar uma lagrima nos olhos azúis, mas sentia-se que a dor lhe varava a alma (1). Os amigos foram desaparecendo um a um e afinal somente lhe restou aquele que, embora distante, jamais lhe haveria de faltar: o fidelissimo D. José Maria Rojas y Patrón, com quem ativamente se correspondia e em cujo coração sincero vasava algumas de suas amarguras (2). Nos ultimos tempos, o exilado recorreu até a subscrições e chegou a implorar os socorros de

---

(1) Ramos Mejia — *Rosas y su Tiempo*, Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. III, pags. 12 e 13.

(2) Idem, vol. I, pag. 41.

Urquiza, que lhe enviou a bela soma de mil libras esterlinas (3).

A sua casa era coberta de colmo e tinha dois pavimentos. Janelas largas. Grande chaminé de tijolo. Uma cerca de buxo aparado em volta. Cancela de madeira. Um álamo ao canto (4). Dentro, a maior simplicidade, o necessario.

Rosas passava os dias de botas e esporas, montado a cavalo, ou passeando, ou vendo os trabalhos de sua pequena quinta e neles tomando ativa parte, lia muito e pensou em escrever suas memorias. Emagreceu. A neve do tempo derramou-se sobre sua cabeça e escorreu pelas costeletas longas que lhe emolduravam o rosto. A velhice não lhe conspurcou a beleza máscula. Modificou-a. Deu-lhe outro aspeto. Perdera na pebreza o esmero de outrora. Confessava numa carta passar oito dias sem fazer a barba por medida de economia.

A maior salidão o rodeava. Não recebia nem fazia visitas. Uma vez por ano, vinham vê-lo e compartilhar o seu magro jantar lord Palmerston e o cardeal Wiseman. Então, Manuelita punha a melhor toalha na mesa, o criado Mery vestia sua velha

---

(3) Saldias — *Historia de la Confederación Argentina,* La Facultad, Buenos Aires, 1911, vol. V, pag. 343.

(4) O Museu Historico Nacional de Buenos Aires possúe reproduções dessa casa, vista de varios lados.

casaca e abria uma garrafa de vinho. E, nessa pequena reunião, Rosas falava de seu passado e fazia sempre algum gracejo que divertia seus hospedes.

Em 1868, quando Francisco Solano López, definitivamente batido após tres anos de resistencia, demandava as Cordilheiras e o exercito imperial entrára em Assunção, triunfalmente, como o fizera antes em Montevidéo e Buenos Aires, no dia desse jantar anual, Rosas recordou os bons tempos de Palermo e de seus bufões terriveis, e fez uma das suas burlas costumeiras. Quando ele, Manuelita e os dois hospedes se sentaram à mesa, via-se na mesma um logar vasio: cadeira, prato, talher, copo, guardanapo; somente faltava o conviva. Mery serviu a sôpa. Ao vir o assado, lord Palmerston, muito curioso, não se conteve e indagou:

— General, quem o senhor convidou para o nosso jantar anual e que se não dignou de vir?

Rosas retrucou com o melhor dos seus sorrisos:

— Os senhores têm lido as ultimas noticias da guerra entre o Imperio do Brasil e Solana López?

— Naturalmente. Todos nós as conhecemos, declarou o cardial.

E D. Juan Manuel, perversamente:

— Pois bem. Este lugar à mesa do exilio está reservado para o meu colega do Paraguai, quando o

Imperio o puser para fóra. Vou ter agradavel companhia... (5).

---

(5) Todas as minucias sobre o exilio de Rosas fôram estudadas em Saldias, op. cit. vol. V, pags. 330 em diante. A anedota aqui narrada se acha na revista carioca *Semana Ilustrada* da época da guerra do Paraguai, cuja coleção póde ser consultada na Biblioteca Nacional, ou no Museu Historico Nacional.

Como paragrafo final de nossas notas, vale a pena transcrever a parte da obra de Saldias (vol. V, pag. 349) em que este panegirista de Rosas conta-lhe o fim: "Uma tarde do mês de março de 1877, em que regressou mais cedo do que costumava, teve de montar novamente a cavalo, para ir vêr como guardavam os animais. Quando voltou para casa, começou a tossir. À noite, teve febre. Seu amigo, o doutor Wibbling, declarou-o com uma congestão pulmonar, gravissima na sua idade. Sua amorosa filha veio logo fazer-lhe companhia. No dia seguinte, aumentou a tosse, expetorou bastante sangue e sentiu-se continuamente muito abatido. Na manhã de 14 de março, a filha perguntou-lhe como se sentia. Rosas olhou-a ternamente. — "Não sei, menina", disse, — e morreu. De acôrdo com suas disposições, o cadaver de Rosas foi transportado da chacara de Swartkling para a capela catolica de Southampton, e no dia imediato levado para o cemiterio dessa cidade. Sobre o caixão de carvalho se via a bandeira argentina que tremulou na Campanha da Serra, que lhe tinha sido dada pelo coronel Arenales, filho do general do mesmo nome, e a espada que o Libertador San Martin usára em suas campanhas e lhe deixára em testamento. Uma unica carruagem acompanhava o enterro".

INDICE

	Pags.
O medo de D. Juan Manuel	7
O bispo das vacas	15
Violino e violão	23
O candomblé de Rosas	29
O páu de sêbo	37
O perigo das Macachas	43
Luar de sangue	51
O trophéo de Manuelita	57
A festa da Mashorca	63
O máu agouro	71
Caxias, o Pacificador	77
O enterro de Urquiza	83
A Troia americana	91
A repulsa da Grenfell	101
A nomeação de Marques de Sousa	107
A passagem de Toneleros	113
A batalha dos Santos Logares	121

Pags.

A bandeira rosina 133

O vencedor de Caseros 141

A entrada triunfal em Buenos Aires 153

A energia de Honorio Hermeto 169

A despedida dos brasileiros 177

A gratidão de Montevidéo 185

O convidado desconhecido 195

Catalogo da "Editora A B C"

"BIBLIOTECA DE AÇÃO CATÓLICA"

ELEMENTOS DE AÇÃO CATÓLICA — ultimo livro do Dr. Alceu Amoroso Lima — br . . . . . 10$000
o mesmo livro, encadernado . . . . . 15$000
PELA AÇÃO CATÓLICA — Alceu Amoroso Lima - br. . 8$000
MANUAL DE AÇÃO CATÓLICA — Mons. Luigi, Civardi, 1.ª e 2.ª parte, 2 vols. — brs. . . . . 10$000
O APOSTOLADO LEIGO — Paul Dabin S. J. — br. . . 8$000
PROGRAMA DE AÇÃO CATÓLICA — P. Castro Nery — br. . . . . 5$000
AÇÃO CATÓLICA E JOCISMO — P. Carlos Ortis — broch. . . . . 3$000
CARTAS ENCICLICAS — Pio XI, Papa — br. . . . 3$000
NOVO CATECISMO DE AÇÃO CATÓLICA — Luis Sucupira — br. . . . . 1$000

"OBRAS DIDATICAS"

DOUTRINA CRISTÃ — Francisco Pascucci — br. . . 5$000
INTRODUÇÃO A' BIBLIA SAGRADA — Prof. D. Alba Canizares Nascimento — br. . . . . 7$000
ENSINO CATÓLICO — orientações — Prof. D. Zelia Oliveira Braune — br. . . . . 2$000
O EDUCADOR CATÓLICO — Pe. Guilherme Boing - br. 3$000
LENDAS DO CÉU E DA TERRA — de Malba Tahan — cart. . . . . 8$000
ESTUDOS DE LINGUAGEM — Prof.ª D. Zulmira Queiroz Breiner — br. . . . . 6$000
TUDO E' FACIL — matematica infantil para o 3.º ano primario — Prof. Irene Albuquerque e Melo e Sousa — cart. . . . . 4$500
MATEMATICA FACIL E ATRAENTE — metodologia da matematica da Escola Primária — livro para o professor — br. . . . . 3$000
DIARIO DE LUCIA — matematica infantil para o 4.º ano primario — Profs. Irene Albuquerque e Melo e Souza — cart. . . . . 4$500

CONTOS DE CHAN-NA-LI — matematica infantil para o 5.º ano primário, pelos profs. de Tudo é Facil — em preparo . . . . . .
CONTINHAS — curso infantil de matematica — prof. Melo e Sousa — em preparo . . . . . .
ALEGRIA DE LER — leitura escolar para 5.º ano e admissão — pelo prof. Melo e Sousa — cart. . . 6$000
MINHA CARTILHA — profs. Laura Melo e Sousa Campos — cart. . . . . 2$800
TRATADO DE PEDAGOGIA — Mons. Pedro Anisio — cart. . . . . 12$000
COMPENDIO DE PEDOLOGIA E PEDAGOGIA EXPERIMENTAL — Mons. Pedro Anisio — cart. . 8$000
REFORMA DO ENSINO — Pe. Arlindo Vieira — br. . 7$000
PREPARAÇÃO A' SOCIOLOGIA — Dr. Alceu Amoroso Lima — br. . . . . 7$000
POLITICA — Dr. Alceu Amoroso Lima — br. . . . 15$000

"LINGUA PORTUGUESA"

VOCABULARIO ORTOGRAFICO — oficial — Prof. Brant Horta — cart. . . . . 10$000
SINTAXE DA LINGUA PORTUGUESA — Prof. Laudelino Freire — cart. . . . . 5$000
ESTUDOS DE PORTUGUÊS — Prof. Artur de Almeida Torres — cart. . . . . 5$000
NOVO DICIONARIO POPULAR DA LINGUA LUSO-BRASILEIRA — Prof. A. Lopes Vieira — enc. . . 15$000
FONTES DO LATIM VULGAR — o Appendice Probi — prof. Serafim Silva Neto — br. . . . . 10$000
ESCREVER CERTO — parte primeira Prof. Aires da Mata Machado — br. . . . . 7$000
ESCREVER CERTO — parte segunda — Prof. Aires da Mata Machado — br. . . . . 9$000
ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA — oficial — regras para bem escrever — pelo prof. Luis Sucupira — broch. . . . . 1$000

"AÇÃO SOCIAL"

A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA — G. C. Rutten — prof. de Teologia, trad. fiel — br. . . . . 7$000
o mesmo livro — enc. . . . . 10$000
OS CATOLICOS E A QUESTÃO SOCIAL — Robinot Marcy, S. J. — br. . . . . 5$000
DO GOVERNO DOS PRINCIPES AO REI DE CIPRO E DO GOVERNO DOS JUDEUS A' DUQUESA DE BRAMANTE — de São Tomás de Aquino — br. 5$000
O DIVORCIO — P. Leonel da Franca — br. . . . 15$000
o mesmo livro — enc. . . . . 20$000
PROTESTANTISMO NO BRASIL — Pe. Leonel da Franca, S. J. — br. . . . . 12$000
o mesmo livro — enc. . . . . 18$000

"COLEÇÃO CRISTO REDENTOR"

APOSTROFES — Pe. Julio Maria — br. . . . . 4$000
A GRAÇA — do mesmo autor — br. . . . . 4$000
AS VIRTUDES — do mesmo autor — br. . . . . 3$000
ESPIRITO E VIDA — as sete palavras de N. S. Jesus Cristo — Pe. J. Cabral — br. . . . . 3$000
UM MARTIR DE NOSSOS DIAS — Pe. Antonio Dragon, S. J. — br. . . . . 4$000
PRINCIPIOS DA VIDA DE INTIMIDADE COM MARIA SANTISSIMA — Pe. Julio Maria — br. . . 6$000
DEUS E O HOMEM — do mesmo autor — br. . . 6$000

"COLEÇÃO PARA NOSSAS FILHAS" (ROMANCES)

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR — Julio Diniz — br. . . . . 5$000
DIVA — José de Alencar — br. . . . . 2$000
O ARREPENDIDO — Victor Felí — br. . . . . 3$000
O SILENCIO DO AMOR — Belcayre e Angel Flory - br. 5$000
SEPULTURA DE FERRO — H. Conscience — br. . 3$500

"SERIE RECREATIVA ESCOLAR"

HISTORIA DA TERRA E DA HUMANIDADE — o mais lindo livro para presente — por Jorge de Lima — todo ilustrado — cart. . . . . 10$000
UM PEQUENO LORD ou UM GAROTO DE QUALIDADE — historia e romance com ilustrações — por F. Hodgson Burnet — cart. . . . . 10$000

"OBRAS RECREATIVAS, INSTRUTIVAS E MORAIS"

CASAMENTO E FECUNDIDADE — leitura reservada — Pierre Lhomme — br. . . . . 4$000
DEUS O QUER — Jonatas Serrano — br. . . . . 5$000
CARTILHA DA PROBIDADE — Dr. Fernando Magalhães — br. . . . . 4$000
ANCHIETA — Jorge de Lima — br. . . . . 8$000
A CONGREGAÇÃO MARIANA — Escola de Santidade e de Apostolado — Pe. Emilio Villaret, S. J. - br. 2$000
MANUAL DA PAROCHIA — Mons. Leovigildo Franca — enc. 10$000 — o mesmo c| corte dourado - enc. 15$000
LIVRO DE OURO DOS MENINOS E MENINAS — para a primeira comunhão — CMons. A. E. Souza - enc. 5$000

DA RAZÃO PARA A FE' — Pe. Salvador Tomasini. br. 7$000
CASOS REAIS A REGISTRAR — A. Felicio dos Santos — br. . . . . 6$000
VIDA MISTICA — Dom S. Luismet O. S. B. — br. . 6$000
NOÇÕES DE SOCIOLOGIA — H. du Passage, S. J.. br. 10$000
SANTA TERESA DO MENINO JESUS — sua vida — um poema em prosa por J. Camara — br. . . . 10$000
O HOMEM QUE CALCULAVA — Em 4.ª edição — romance e aventuras de um calculista — por Malba Tahan — br. . . . . 12$000
A SOMBRA DO ARCO-IRIS — por Malba Tahan . .
CRONICA DA IGREJA NO BRASIL — Período Pre-Anchietano, 1500 a 1553 — pelo Rev. Pe. Fernando P. de Castro, S. J. — vol. br. . . . . 10$000
CORRESPONDENCIA - Jackson Figueiredo - vol. br. 8$000
AEVUM — romance por Jackson Figueiredo — br. . 5$000

MILHARES de livros bons, formam a

LIVRARIA ANCHIETA

Obras nacionais e estrangeiras

Praça 15 de Novembro, 101 ——— Telefone: 22-8635
Caixa Potal, 1.829 End. Telegrafico: "Catolica"

RIO DE JANEIRO

Gustavo Barroso

RE-EDITA 7 VOLS.

1 Guerra do Lopez
2 Guerra do Flôres
3 Guerra do Rosas
4 Guerra de Artigas
5 Guerra do Vidéo
6 Tamandaré
7 Osorio

8 NOVIDADE:
O LIVRO DOS ENFORCADOS

O livro brasileiro para os Brasileiros que desejam conhecer os episodios mais vibrantes da Historia do Brasil

edit. Getulio M. Costa

EM TODAS AS LIVRARIAS - 6$000

2601
UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL